

BIBLIOTECA

MILITAR CRISTÃO

MANUAL COMPLEMENTAR DE APOIO

P A R T E 2

UMA VIDA DE CARÁTER

1ª Edição
2014

BIBLIOTECA

MILITAR CRISTÃO

MANUAL COMPLEMENTAR DE APOIO

P A R T E 2

UMA VIDA DE CARÁTER

Por
J. R. Miller

Tradução
Cleber Olympio

1ª Edição
2014



PORTARIA Nº 62, DE 3 DE MAIO DE 2014.

Aprova a inclusão do Manual Complementar de Apoio C-9, 1ª Edição, 2014, como integrante da Biblioteca Militar Cristão.

O administrador do sítio “Militar Cristão”:

Em cumprimento ao disposto no inciso III do art. 3º da Norma Geral Administrativa nº 9, de 2013, faça saber aos interessados o seguinte:

Art. 1º. Aprova-se, com esta portaria, a inclusão do Manual Complementar de Apoio **C-9**, intitulado “**Uma vida de caráter**”, **1ª Edição (2014)**, como integrante da Biblioteca Militar Cristão, disponibilizando-se o mesmo, a partir da presente data, na subseção “Download – Documentos” para franquear seu acesso aos usuários do sítio.

Art. 2º. Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 3 de maio de 2014.

CLEBER OLYMPIO

Administrador - Sítio Militar Cristão

(Publicado em 03/05/2014 no hipertexto <<http://www.militarcristao.com.br/redirect.php?id=801>>).

ÍNDICE DOS ASSUNTOS

2ª Parte – Manual C-9

	Pág.
CAPÍTULO 14 – COMO NO CÉU	14-1
CAPÍTULO 15 – AS “SOMBRAS” QUE CARREGAMOS	15-1
CAPÍTULO 16 – DO CUIDADO COM O NOSSO FARDO	16-1
CAPÍTULO 17 – JULGANDO OS OUTROS	17-1
CAPÍTULO 18 – OUTRAS PESSOAS	18-1
CAPÍTULO 19 – AMANDO O PRÓXIMO	19-1
CAPÍTULO 20 – O CUSTO DE SER AMIGO	20-1
CAPÍTULO 21 – O PECADO DE ESTAR DESENCORAJADO	21-1
CAPÍTULO 22 – RESERVA DE VERÃO PARA AS NECESSIDADES DE INVERNO	22-1
CAPÍTULO 23 – “RESERVAS” DE CRISTO NO ENSINO	23-1
CAPÍTULO 24 – EM TEMPOS DE SOLIDÃO	24-1
CAPÍTULO 25 – NOS BRAÇOS ETERNOS	25-1
CAPÍTULO 26 – EU SOU O ÚNICO QUE SOBROU!	26-1
CAPÍTULO 27 – NO TEMPO PRÓPRIO COLHEREMOS SOBRE O AUTOR	1

**Este é um
MANUAL “CHARLIE”
Destinado ao fornecimento de suporte complementar aos Manuais
“Alfa”, direta ou indiretamente ligado à proposta neles contida.**

CAPÍTULO 14

COMO NO CÉU

14-1. GENERALIDADES

“Seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu”.
(Mateus 6:10)

“Como no céu” é o padrão que a oração do Senhor define para nós em *fazer a vontade de Deus na terra*. É um elevado ideal, que, no entanto, não pode ser inferior. A petição é uma oração na qual o *céu* pode começar em nossos corações aqui na terra.

Enquanto uma criança vislumbrava pensativamente as profundezas de um céu à noite, e se perguntava como poderia chegar ao céu, pois ele parecia tão longe e não se podia ver nenhuma escada até ele, sua mãe sábia lhe informou: “O céu deve vir primeiro para baixo em seu coração.” Não devemos nos esquecer disso. Nós nunca poderemos entrar no céu até que o céu entre em nós. Devemos ter a vida de Deus em nós antes de estarmos prontos para morar nas bem-aventuranças de Deus.

Esquecemo-nos de que o céu não está *longe ali*, mas começa aqui na nossa vida cotidiana, se é que ele já começou completamente para nós! Não é isso que a oração significa: “Seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu”? “Na terra”, ou seja, nas nossas lojas, em nossa labuta e cuidados, em nossos momentos de tentação e tristeza. Não é uma oração a ser levada para fora deste mundo para o “céu”, para começar *ali* a fazer a vontade de Deus: é uma oração para que *aqui e agora na terra*, possamos aprender a viver como se vive no céu.

14-2. COMO SE VIVE NO CÉU?

Como eles vivem no céu? Lá todas as vontades estão em *perfeito acordo* com a vontade divina. Começamos nossa vida cristã na terra, com corações e vontades que muito estão em sintonia com a nossa *velha* natureza. Naturalmente, queremos o nosso próprio caminho, e não o de Deus. O início da nova vida é a aceitação de Cristo como nosso rei, mas não é de *uma vez* que o reino em nós torna-se totalmente Dele. Isso tem que ser subjugado. O crescimento cristão é simplesmente a condução de nossas vontades em perfeito acordo com a vontade de Deus. É aprender a fazer sempre as coisas que agradam a Deus.

“Nossas vontades são nossas.” Isso, contudo, é apenas metade da verdade. Elas são nossas para serem dadas a Deus, para darem preferência à Sua vontade. Este é todo o trabalho de crescimento cristão, de cultura espiritual. Nós começamos a fazer das nossas vontades as de Deus quando começamos a seguir a Cristo. É preciso, entretanto, a vida inteira para fazer a *rendição completa*. Ensinados, no entanto, por Deus, e ajudados pelo divino Espírito, se formos fiéis, vamos, a cada dia um pouco mais, fazendo a vontade de Deus na terra, como é feito no céu.

“Que a tua vontade seja feita na terra.” Isso significa obediência, não obediência parcial, mas total e completa. Ela está levando a Palavra de Deus ao nosso coração, e conformando toda a nossa vida a ela. É aceitar o caminho de Deus sempre de modo doce e submisso, com amor e fé.

14-3. VIVENDO COMO NO CÉU ATRAVÉS DO AMOR

A lei divina é resumida em uma palavra: *AMOR*. “Você deve amar.” Deus é amor. “Como no céu” significa *o amor brilhando em uma vida santa, pura e bela*. “Que a tua vontade seja feita na terra” significa, portanto, *o amor*. Todas as lições podem ser reunidas em uma: *aprender a amar*. Amar a Deus é a primeira. Então, amar a Deus gera em nós amar a *todos os homens*.

Não entendemos o que é o amor? Não costumamos pensar apenas em sua parte terrestre? Nós gostamos de ser amados, isto é, de ter outras pessoas que nos amam e vivem para nós, e que fazem as coisas para nós. Nós gostamos das satisfações do amor; isso, entretanto, é apenas *egoísmo infeliz* se ele não for mais longe. É uma profanação do sagrado nome do amor pensar que, na sua essência, isso significa apenas receber e receber. Não: o amor *dá*. Receber é terreno; “como no céu” é dar. Isso é o que o amor de Deus faz: ele encontra sua felicidade em dar. “Deus amou o mundo de tal maneira que *DEU* o seu Filho unigênito” (João 3:16). Isso é o que o amor de Cristo faz: ele derrama o seu sangue da verdadeira vida até a última gota. O significado essencial do amor deve ser sempre *dar*, não receber.

Talvez nosso pensamento sobre as bênçãos do céu seja muitas vezes egoísta, em que tudo será prazer, tudo receber. Mesmo o céu, entretanto, não vai ser uma eternidade de autossatisfação, ou apenas a felicidade de receber. Até lá, especialmente lá, onde todas as imperfeições serão deixadas para trás, o amor deve encontrar a sua felicidade suprema em dar, em servir os outros, em se derramar em outras vidas. Lá sempre será mais abençoado *dar* do que receber, *servir* e não ser servido.

“Assim na terra como no céu”, portanto, significa não apenas a satisfação de *ser* amado, mas a bem-aventurança de *amar* aos outros e de *dar* o mais rico e melhor de sua vida para os outros. Às vezes, ouvimos as pessoas suspirando para ter *amigos*, para *serem amadas*. Isso é natural. Todos nós temos fome de amor. Mas esse desejo pode tornar-se prejudicial, até mesmo miseravelmente mórbido. Muito mais saudável é o desejo de *dar amor*, de ser uma bênção para os outros, de derramar o coração para dar refrigério a outros corações cansados.

É a vontade de Deus que *amemos*, mas nem sempre é da vontade de Deus que *sejamos* amados. Parece ser a missão de alguns neste mundo o dar e não receber. Eles estão a brilhar na escuridão, queimando suas próprias vidas como a lâmpada queima óleo para ser luz para as outras almas. Eles são chamados para servir, ministrar, usar as suas vidas ao fornecer luz, conforto e ajuda aos outros, enquanto ninguém vem a lhes ministrar para derramar doçura do amor em seus corações, e dar-lhes o pão de cada dia de afeto, do ânimo e da ajuda.

Em muitos lares encontramos vidas assim: uma esposa e mãe paciente, ou uma irmã suave e altruísta, abençoando, cuidando, servindo, dando perpetuamente os presentes mais ricos do amor; por outro lado, não são amadas, nem atendidas, nem reconhecidas, tampouco ajudadas. Estamos aptos a ter pena de tais pessoas, mas não deveria ser assim: elas não estariam mais perto do *ideal celestial de fazer a vontade de Deus* do que alguns que se assentam sob o sol do amor, recebendo, sendo ministrados, mas não dando ou servindo?

Não foi assim com nosso Senhor? Ele *amou*, *entregou-se* e *abençoou* a muitos, por fim dando sua própria vida, mas poucos vieram a dar-lhe a bênção e o encorajamento de amor em sua própria alma. É mais divino *amar* do que *ser amado*. Pelo menos, a vontade de Deus para nós é que devemos amar, derramando os mais ricos tesouros de nossos corações aos outros, não pedindo, entretanto, qualquer retorno. Amar é o seu próprio melhor retorno e recompensa.

Desse modo, “como no céu” sempre brilha diante de nós como o ideal de nossas vidas terrenas. Não é um ideal vago e sombrio, pois é simplesmente a completa realização da vontade de Deus. *Perfeita obediência* é o céu. Às vezes é servir os outros, às vezes é o sofrimento calmo e

paciente, outras vezes a espera passiva. Uma grande lição a ser aprendida é o perfeito acordo com a vontade de Deus para nós, a cada momento, o que quer que seja.

“Como no céu” pode parecer muito longe de nós hoje. Dizemos que a música é muito *melodiosa* para as nossas vozes não musicais cantarem. Dizemos que a vida é muito *idealizada* para nós, com a nossa pouca fé.

Se, porém, formos apenas fiéis à vontade de nosso Pai, se apenas mantivermos nossos corações sempre abertos ao amor de Cristo, bem como à ajuda e à santificadora influência do Espírito Santo, nós cresceremos diariamente rumo à perfeição de Deus, até que enfim adentraremos as portas da paz, estaremos *com* Cristo, e seremos *como* Ele é! Para o presente, o nosso esforço e a nossa oração devem ser continuamente: “Que a tua vontade seja feita, assim na terra – **em nós** – como é feita no céu”.

CAPÍTULO 15

AS “SOMBRAS” QUE CARREGAMOS

15-1. A SOMBRA DA INFLUÊNCIA PESSOAL

“Porque nenhum de nós vive para si, e nenhum morre para si.”
(Romanos 14:7)

Cada um de nós carrega *uma sombra*. Paira sobre nós uma espécie de *algo estranho, indefinível*, que chamamos de *influência pessoal*, que tem seu efeito sobre todas as outras vidas sobre a qual ela recai. Ela vai conosco por onde formos. Não é algo que podemos ter quando queremos e, em seguida, colocarmos de lado, como deixar de lado uma peça de roupa. É algo que sempre derrama para fora de nossas vidas, como a luz de uma lâmpada, como o calor do fogo, como o perfume de uma flor.

15-2. O MINISTÉRIO DA INFLUÊNCIA PESSOAL

O *ministério da influência pessoal* é algo bastante maravilhoso. Sem estarmos conscientes disso, estamos sempre impressionando os outros por esse *estranho poder* que emana de nós. Outros nos observam, e seus pensamentos e atitudes são modificados por nossa influência. Muitas vidas iniciaram uma carreira de beleza e de bênção pela influência de um ato nobre. Os discípulos viram o seu Mestre orando e ficaram tão impressionados com sua sinceridade ou pelo brilho que viam em seu rosto enquanto ele conversava com seu pai que, quando ele se juntou a eles novamente, eles lhe pediram para ensiná-los a orar. Cada pessoa sincera é

continuamente impressionada com os vislumbres que ela dá de beleza, de santidade ou de nobreza aos outros. Um tipo de ação muitas vezes inspira outros a agirem de uma forma mais gentil.

Aqui está uma história de jornal que ilustra isso. Um pequeno jornalista entrou em um vagão do metrô, reclinou-se sobre uma cadeira e logo adormeceu. Na próxima parada, duas moças entraram e se sentaram em frente a ele. Os pés da criança estavam descalços, suas roupas estavam esfarrapadas, e seu rosto estava muito magro e contraído, mostrando sinais de fome e sofrimento. As jovens senhoras repararam nele, e vendo que o seu rosto descansava contra o duro peitoril da janela, uma delas se levantou e, suavemente erguendo a cabeça dele, deslizou seu lenço dobrado debaixo dela para servir de traveseiro.

O ato gentil foi observado e, agora, marca a sua influência. Um velho cavalheiro, no assento ao lado, sem dar uma única palavra, estendeu um quarto²³ para a jovem, apontando-a para o rapaz. Após um momento de hesitação, ela a tomou e, como ela agiu desse modo, outro homem entregou-lhe uma moeda de dez centavos, uma mulher do outro lado do corredor estendeu alguns tostões e quase antes de a jovem perceber o que estava fazendo, ela estava *formando uma coleção*: todos no carro lhe passavam alguma coisa em favor do pobre garoto. Assim, a partir de uma pequena atitude gentil da jovem, havia saído uma onda de influência a tocar os corações de quase quarenta pessoas, e levando cada uma delas a fazer alguma coisa.

A vida comum é cheia de ilustrações como essa sobre a influência de atitudes de bondade. Cada vida piedosa deixa um *ministério duplo* neste mundo: o das coisas feitas diretamente por ela para abençoar os outros, e o da influência silenciosa que ela exerce, através da qual os outros são feitos melhores, ou inspirados a fazer coisas boas.

15-3. A INFLUÊNCIA ALÉM DA VIDA

A influência é uma coisa, também, que nem mesmo a morte põe fim. Quando a vida terrena se encerra, cessa o trabalho de um homem temente a Deus. Sente-se sua falta nos lugares onde sua presença familiar trouxe bênçãos. Suas palavras não mais são ouvidas por aqueles que muitas vezes foram saudados ou confortados por ele. Nenhum mais de seus atos benéficos encontra o seu caminho para as casas de necessidade, onde muitas vezes ele trouxe alívio. Nada mais faz a sua força ministradora afável e amorosa, a esperança ou a coragem dada aos corações que aprenderam a amá-lo. A morte de um homem de Deus no meio de sua vida útil

²³ Isto é, uma moeda de 25 centavos (N. do T.).

corta um ministério abençoado de auxílio no círculo em que ele viveu. Mas sua *influência* continua!

A influência que os nossos mortos têm sobre nós frequentemente é muito grande. Nós pensamos que os *perdemos* quando não vemos mais seus rostos, nem ouvimos suas vozes, nem recebemos a bondade habitual de suas mãos. Mas, em muitos casos, não há dúvida de que o que os nossos entes queridos fazem por nós após suas partidas é tão importante quanto o que poderiam ter feito por nós se tivessem ficado conosco. A *memória de belas vidas* é uma bênção, reconfortante, e torna-se mais rica e surpreendente do que a dor que causou a sua partida. A influência de tais *sagradas memórias* é, em certo sentido, mais reconfortante do que a própria vida. A morte *transfigura* nosso ente querido, por assim dizer, varrendo as *falhas e imperfeições* da vida mortal e deixando-nos uma visão permanente em que tudo o que era *belo, puro, gentil e verdadeiro* nele, permanece conosco.

Muitas vezes perdemos amigos nas competições e conflitos da vida terrena, a quem teríamos mantido para sempre, não fosse a morte tê-los tomado nos dias anteriores, quando o amor era forte. Muitas vezes isso é verdade: “Aquele que morre vive para nós; mas aquele que vive está perdido”. Assim, até mesmo a morte não sacia a *influência de uma vida piedosa*. Ele continua a abençoar os outros, muito tempo depois de sua vida já ter passado pela terra.

15-4. A INFLUÊNCIA QUE LEVA À VIGILÂNCIA

Portanto, precisamos proteger a nossa influência com cuidados mais conscientes. É crime levar o contágio às casas dos homens. É um crime pior enviar uma página impressa contendo palavras infectadas com o vírus da morte moral. Os homens que preparam e publicam literatura vil que hoje vai a toda parte poluindo e contaminando vidas inocentes terão uma conta terrível a prestar quando estiverem no bar de Deus para lidar com a sua influência. Se quisermos tornar nossa vida digna de Deus e uma bênção para o mundo, devemos cuidar para que nada do que fazemos deva influenciar outros a fazer o mal, no menor grau que seja.

Nos primeiros dias da arte estadunidense, viajou dos Estados Unidos para Londres um jovem artista de gênio e coração puros. Ele era pobre, mas tinha uma inspiração para uma vida santa, tanto quanto para a boa pintura. Entre seus quadros, um deles era em si mesmo puro, mas que uma mente sensual poderia, eventualmente, interpretar de uma forma ruim. Um amante da arte viu esse retrato e o comprou. Quando, no entanto, ele se foi, o jovem artista começou a pensar em sua possível *influência prejudicial*, e sua consciência o incomodava. Ele foi para o comprador e

disse: “Eu vim para comprar de volta o meu retrato.” O comprador não pode compreendê-lo. “Eu não te paguei o suficiente para isso? Você quer mais dinheiro?” – perguntou ele. “Eu sou pobre”, respondeu o artista, “mas minha arte é minha vida. Sua missão deve ser santa. A influência dessa imagem pode ter efeitos nocivos. Eu não posso ser feliz com ela diante dos olhos do mundo. Ela deve ser retirada.”

Devemos vigiar nossas palavras e ações, e não apenas sua intenção e propósito, mas também na sua *possível influência* sobre os outros. Pode haver *liberdades* que não nos levem a perigo algum, mas que, para outros com caráter menos estável e ambiente menos amigável, estaria repleto de perigo. É parte do nosso dever pensar nesses *mais fracos* e da *influência* do nosso exemplo por sobre deles. Nós não podemos fazer nada em nossa força e liberdade espiritual que poderia eventualmente prejudicar os outros. Devemos estar dispostos a sacrificar a nossa liberdade se, por seu exercício, ela puser em perigo a alma do outro. Este é o ensinamento de Paulo nas seguintes palavras: “Bom é não comer carne, nem beber vinho, nem fazer outras coisas em que teu irmão tropece, ou se escandalize, ou se enfraqueça” (Romanos 14:21). “Por isso, se a comida escandalizar a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que meu irmão não se escandalize” (1 Coríntios 8:13).

15-5. A INFLUÊNCIA QUE ABENÇO

Como podemos ter certeza de que *a nossa influência* será apenas bênção? Não há nenhuma maneira, exceto a de tornar nossa vida pura e santa. Apenas na medida em que estivermos cheios do Espírito de Deus, e tivermos o amor de Cristo em nós, *a nossa influência* será santa e uma bênção para o mundo. “Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios, remindo o tempo” (Efésios 5:15-16)

CAPÍTULO 16

DO CUIDADO COM O NOSSO FARDOS

16-1. FARDOS INVISÍVEIS

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mateus 11:28-30)

Todos nós temos os nossos fardos. Claro, eles não são os mesmos para todos: uns são mais aparentes do que outros. Há pessoas cujos encargos são todos os que *vemos*: estes conseguem nossa simpatia e chegamos até eles com o calor do amor e da ajuda. Há outros, no entanto, cujos encargos *não são visíveis*. Parece-nos que eles não têm nenhum problema, nenhuma luta, nenhuma carga para transportar. Nós invejamos a sua sorte. Provavelmente, no entanto, se soubéssemos tudo o que Deus sabe sobre eles, nossa *inveja* se transformaria em *compaixão*. Os encargos que o mundo não pode ver são muitas vezes mais pesados. As dores que não são anunciadas nos obituários, e suportadas sem *visualização*, em muitas vezes são as mais difíceis de suportar.

Não nos é sábio pensar que o nosso fardo é maior que o do nosso vizinho; talvez o dele seja muito maior que o nosso. Às vezes eu gostaria que pudéssemos trocar de lugar com outra pessoa. Nós imaginamos que a nossa vida seria muito mais fácil se pudéssemos fazer isso, e que poderíamos viver mais amigável e belamente do que nós, ou mais úteis e prestativos.

Mas se realmente trocássemos de lugar com aqueles que, pelo que sabemos, parecem ter a porção mais favorecida, se nós realmente tomássemos o lugar dessa pessoa com todas as suas condições, suas circunstâncias, suas responsabilidades, seus cuidados, suas funções e bênçãos, pouca dúvida haveria de que rapidamente clamaríamos a Deus para nos dar de volta o nosso próprio lugar de antigamente, e o nosso próprio fardo! Uma vez que nós não sabemos tudo sobre ele, achamos que a carga do nosso vizinho seja mais leve e mais fácil de suportar que a nossa.

16-2. FARDOS E A BÍBLIA

Há três palavras da Bíblia sobre o porte de fardos. Uma nos diz que “*cada qual levará o seu próprio fardo*” (Gálatas 6:5/R-IBB). Existem fardos que ninguém pode carregar para nós, nem mesmo Cristo; fardos que ninguém pode nem mesmo compartilhar. Isto é verdade em um sentido muito real da própria vida, do dever, da nossa relação com Deus, da responsabilidade pessoal de alguém. Ninguém pode viver a sua vida para você. Os amigos podem ajudá-lo pelo incentivo, por simpatia, por um conselho, por orientação, mas, afinal de contas, no sentido mais profundo da sua vida, você tem que viver sozinho. Ninguém pode tomar decisões por você. Ninguém pode ter fé em Deus por você. Ninguém pode obedecer aos mandamentos por você. Ninguém pode obter o perdão dos pecados para você. Ninguém pode fazer seus deveres ou atender às suas responsabilidades por você. Ninguém pode tomar o seu lugar em qualquer uma das grandes experiências da vida. Um amigo pode estar disposto a fazê-lo, mas isso é simplesmente impossível. *Davi* teria morrido por causa de *Absalão*: ele amava seu filho o suficiente para fazer isso, mas ele não poderia fazê-lo. Muitas mães levariam a carga de dor de seus filhos, enquanto elas os veem em angústia – e suportam-no para a criança –; elas, porém, só podem se sentar ao lado deles e vê-los sofrer, elas não podem tomar o seu lugar. Cada um deve viver sua própria vida.

Há outra palavra da Bíblia que nos diz que devemos “*levar os fardos uns dos outros*” (Gl 6:2/R-IBB). Portanto, há cargas que os outros *podem* nos ajudar a transportar. Ninguém pode fazer o nosso dever para nós, ou levar a nossa carga de sofrimento, mas a amizade humana pode colocar *força* em nosso coração para nos tornar mais capazes de agir ou de suportar. É algo grandioso ter ajuda fraterna na vida. Todos nós precisamos uns dos outros. Nenhum de nós podia continuar sem os outros para *compartilhar seus fardos*; nós começamos a ser como Cristo somente quando começamos a ajudar os outros, a fim de sermos úteis para eles, tornar a vida um pouco mais fácil para eles, dar-lhes algo da nossa *força* em sua fraqueza, ou algo da nossa *alegria* em sua tristeza. Quando tivermos aprendido esta lição, nós começaremos a viver dignamente.

Há outra palavra inspirada que nos diz: “*Lança o teu fardo sobre o Senhor, e Ele te sustentará*” (Salmo 55:22/R-IBB). Em inglês, a palavra “fardo” nesta passagem, na margem da versão King James, é traduzida como “presente”: “*Lança o teu presente sobre o Senhor.*” Na Versão Revisada, a leitura marginal é: “*Lança o que Ele te deu no Senhor.*”²⁴ Isso é muito sugestivo. Nossa *carga* é o que Deus nos *deu*. Pode ser o dever; pode ser luta e conflito; pode ser a tristeza; pode ser o nosso ambiente. Seja o que for, no entanto, isso é o que Ele nos deu, e podemos lançá-lo ao Senhor.

A forma da promessa também é sugestiva. Não nos é dito que o *Senhor* vai levar o nosso fardo para nós, ou que Ele irá *removê-lo* de nós. Muitas pessoas inferem que este é o sentido, mas não é assim. Uma vez que isso é o que Deus nos *deu*, ele é, de alguma forma, *necessário* para nós. Existe algo dentro de nós que devemos desenvolver melhor em força e beleza espiritual. Nossa *carga* tem uma *bênção* para nós. Essa é a verdade do dever, de provações e tentações, das coisas que para nós parecem obstáculos, das nossas decepções e tristezas: todas elas estão ordenadas por Deus como o melhor meio para o desenvolvimento de nossas vidas. Por isso, não seria uma verdadeira bondade de Deus para conosco *tirar* o nosso fardo, mesmo na nossa súplica mais sincera. Ele é parte do nosso amadurecimento. Há *bênção* na manutenção dele.

A promessa, portanto, não é a de que o Senhor irá *remover* o fardo que lançamos sobre ele, nem que Ele vai *levá-lo* para nós, mas que *Ele vai nos sustentar para podermos levá-lo*. Ele não *nos livra* do dever, mas Ele nos *fortalece* para este. Ele não *livra-nos* do conflito, mas Ele nos *capacita* a superá-lo. Ele não retém ou retira o julgamento de nós, mas Ele nos ajuda no julgamento a sermos submissos e vitoriosos, e faz com que isso seja uma *bênção* para nós. Ele não atenua a dureza ou a gravidade da nossa situação, tirando os elementos não congênitos, retirando os espinhos, tornando a vida mais fácil para nós, mas Ele coloca em nossos corações a *graça divina* para que possamos viver com serenidade em todas as circunstâncias difíceis, adversas.

16-3. COMO TRATAR O FARDO

Esta é a lei de toda a vida espiritual: não o descarte do fardo, mas sim conceder ajuda *para que possamos levá-lo com alegria*.

²⁴ A Almeida Corrigida e Fiel traduz, em português, “*Lança o teu cuidado sobre o Senhor*”; a Nova Versão Internacional traduz: “*Entregue as tuas preocupações ao Senhor*”. O autor acerta em apontar a origem hebraica do termo *yehab* (יָהַב): a concordância NASB diz que “fardo” é uma porção da Providência divina – algo *dado*, portanto; a concordância Strong, da mesma forma, traduz o termo como “algo que é dado” (N. do T.).

Muito amor *humano*, em sua miopia, erra em sempre tentar *remover* o fardo. Os pais pensam que estão mostrando verdadeiro e sábio carinho aos seus filhos quando tornam fáceis suas tarefas e deveres para eles; na verdade, entretanto, eles podem estar lhes ocasionando *danos irreparáveis*, sufocando²⁵ suas vidas e estragando seu futuro! Da mesma forma, toda amizade terna é capaz de excesso de ajuda e de superproteção. Ela ministra consideração, descarta o fardo, varre os obstáculos do caminho, enquanto ela poderia ajudar muito mais sabiamente se buscasse transmitir *esperança, força e coragem*.

Deus, porém, nunca comete esse erro com os Seus filhos. Ele nunca nos deixa na necessidade, mas Ele nos ama demais para nos aliviar dos pesos que precisamos carregar, a fim de fazer o nosso crescimento saudável e vigoroso. Ele nunca ajuda demais. Ele nos quer crescendo fortes, e por isso Ele nos treina o empenho para lutar, resistir e superar, não atendendo nossos pedidos para o *alívio* dos encargos, mas, ao contrário, colocando em nós *mais graça* que a carga se torne mais pesada e posamos sempre viver com coragem e vitoriosos²⁶!

Este é o segredo da paz de muitas *enfermarias*, onde se vê sempre um sorriso no rosto do sofredor cansado. A dor não é tirada, mas o poder de Cristo é dado, e o sofrimento é suportado com paciência. É o segredo da alegria tranquila e profunda que vemos com frequência no *lar* cristão *do sofrimento*. A dor é esmagadora, mas o abençoado conforto de Deus vem em sussurros suaves, e o enlutado se alegra. A dor do luto não é tirada, os mortos não são restaurados, mas o amor divino entra no coração, tornando-o forte para aceitar o sofrimento e dizer: “Seja feita tua vontade!” (Mateus 6:10)

²⁵ Literalmente, “ananicando suas vidas” (N. do T.).

²⁶ Agostinho de Hipona sintetizou esse pensamento com sua célebre frase: “Não devemos pedir a Deus fardos mais leves, mas ombros mais fortes” (N. do T.).

CAPÍTULO 17

JULGANDO OS OUTROS

17-1. GENERALIDADES

“Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós. E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu?”
(Mateus 7:1-4)

É melhor ter olhos para a *beleza* do que para o *defeito*. É melhor ser capaz de ver as *rosas* do que os *espinhos*. É melhor ter aprendido a observar algo para elogiar em outros do que para condenar. É claro que as outras pessoas têm defeitos e não somos cegos; no entanto, nós temos nossas próprias falhas, e isto deveria nos fazer caridosos.

17-2. O REAL SENTIDO DE NÃO JULGAR

O que, então, significam as palavras de nosso Senhor? É o *juízo impiedoso* contra o qual ele nos adverte. Não devemos olhar para as coisas ruins nos outros. Nós não estamos a ver os outros através dos óculos entortados de preconceito e do sentimento grosseiro. Nós não estamos aqui para nos arrogar a função de julgar, como se os homens devessem ser responsabilizados perante nós. Devemos evitar um espírito crítico ou censura. Nada é dito contra falar bem daqueles que vemos e conhecemos: é falta de caridade julgar e falar, o que Jesus condena.

Uma razão para isso ser errado é a de que o julgamento coloca a própria pessoa no lugar de Deus. Ele é o único juiz, com quem toda alma humana tem de fazer. O julgamento não é nosso, mas de Deus. “Há só um legislador que pode salvar e destruir. Tu, porém, quem és, que julgas a outrem?” (Tiago 4:12) Ao condenar e censurar os outros, estamos nos empurrando para o lugar de Deus, tomando o cetro em nossas mãos, e presumindo o exercício de uma de suas únicas prerrogativas.

Outra razão para este comando é que não podemos julgar os outros com justeza e com justiça. Nós não detemos conhecimento suficiente de ambos. Paulo diz: “Portanto, nada julgueis antes de tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas, e manifestará os desígnios dos corações; e então cada um receberá de Deus o louvor” (1 Coríntios 4:5) Os julgamentos dos homens não podem ser além de defeituosos, parciais e superficiais.

17-3. BUSCANDO COMPREENDER AS FALHAS ALHEIAS

Nós não sabemos quais podem ser as causas das falhas por que condenamos os outros. Se o fizéssemos, seríamos mais caridosos para com eles. Imperfeições de algumas pessoas são uma herança que receberam de seus pais. Eles nasceram com as fraquezas que agora estragam a sua masculinidade, ou suas falhas vieram através de erros na sua formação e educação. A enfermeira caiu com o bebê e, ao longo dos anos, o homem anda com uma claudicação ou uma deformidade que estraga sua beleza física; ele, entretanto, não é o responsável pelo acidente, e a crítica a ele seria cruel e injusta. Há machucados no caráter e feridas na alma que seria tanto quanto injustiça demais condenar, pois elas são a herança de injustiça de outros homens.

Há com frequência causas para as deformações e distorções de vidas que, se nós as entendêssemos, elas nos fariam ter piedade dos outros, e ser muito pacientes com as suas peculiaridades. Nós não sabemos que problemas as pessoas têm, que dores secretas tanto pressionam seus corações e afetam a sua disposição, temperamento ou conduta. “Se pudéssemos ler a história secreta de nossos inimigos”, diz Longfellow²⁷, “nós poderíamos encontrar na vida de cada homem dor e sofrimento suficientes para desarmar toda a nossa hostilidade contra eles.” Por exemplo, nós queremos saber a falta de alegria de um homem: ele parece antissocial, amargo, cínico, frio, mas o tempo todo ele está carregando um fardo que quase esmaga a vida dele! Se soubéssemos tudo o que Deus sabe de sua vida, não falaríamos uma única palavra de acusação. Nossa cen-

²⁷ Referência a Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882), poeta estadunidense (N. do T.).

sura se transformaria em piedade e bondade, e tentaríamos ajudá-lo a suportar o seu fardo.

Nossos corações ficam suavizados para com os homens quando eles se encontram mortos. Nós silenciemos nossa busca de falhas quando estamos diante do caixão de um homem. Em seguida, a homenagem toma o lugar de críticas. Vemos a vida, então, por uma nova luz, que parece enfatizar o que era lindo nela, e nós colocamos na sombra o que era feio. Ficamos reverentes para com os mortos. “Nada além do que for bom deve ser falado deles”, dizemos. A morte investe a vida com santidade diante dos nossos olhos. Sim, mas não é qualquer vida, não menos sagrada, que se move diante de nós ou ao nosso lado, com todas as suas dores, lutas, medos e esperanças? Devemos ser reverentes para com os mortos, falando deles em flagrantes enaltecimentos, mas não devemos ter reverência inferior para com os vivos.

17-4. RAZÕES PARA UM JULGAMENTO MAL OU INJUSTO

Uma grande parte do nosso julgamento de outros é julgar *mal* ou de modo *injusto* por causa do fragmentário de nosso conhecimento de vidas e experiências pessoais alheias. Isso deveria com frequência nos fazer lamentar e sentir muita vergonha de nós mesmos, se a nós, enquanto julgamos outro tão severamente, pudesse ser mostrado um vislumbre da vida interna do outro, revelando *sofrimentos e lutas nele ocultos*, que são a causa das coisas que o culpavam tanto. Nós temos apenas a mais *parcial* visão de outra vida, e não podemos formar julgamentos absolutamente infalíveis sobre o que vemos e conhecemos. Vemos apenas um lado de um ato, ao passo que pode haver outro lado que mude completamente a sua qualidade. Na parte de trás da tapeçaria nada existe a não ser uma massa turva de fios, enquanto que o outro lado é de singular beleza. A vida é cheia de semelhantes *vistas nos dois lados* das pessoas e dos atos. Vemos um homem do mundo, e ele parece duro e severo. Podemos vê-lo algum dia em casa, onde seu filho está inválido e sofre, e lá ele é outro homem, gentil, atencioso, com delicadeza quase maternal. Teria sido sobremodo injusto com este homem se tivéssemos feito o nosso julgamento sobre ele apenas do ponto de vista externo, sem vê-lo no quarto de seu filho doente.

Um jovem foi severamente criticado por seus companheiros por sua mesquinhez e avareza. Ele recebia um bom salário, mas vivia apertado, sem sequer proporcionar a si próprio os confortos simples que seus amigos pensavam que ele poderia facilmente obter, e sem quaisquer dessas generosas despesas em sociedade, ostentadas por outros jovens de sua classe. Esse era um lado de sua vida, mas havia outro. Aquele jovem tinha uma única irmã – como eles eram órfãos – que sofria bastante, fechada

em seu quarto, sempre mantida em sua cama. Esse único irmão a sustentava. Essa foi a razão pela qual ele viveu tão avarento, economizando cada centavo que pudesse economizar, e continuar sem muitas coisas que outros jovens achavam indispensáveis, para que a sua irmã, em sua solidão e dor, pudesse ser cuidada e tivesse conforto. Esse foi um lado do caráter. Ele, ainda assim, não parecia nada atraente para seus amigos. Vemos quão injusto foi o julgamento a respeito dele com base no conhecimento de apenas uma fase de sua conduta. Vista em conexão com seu motivo, a qualidade tão severamente censurada tornou-se uma marca de beleza viril e nobre!

Uma linda história é contada pelo professor Blackie²⁸, de Edimburgo, que ilustra a mesma lição. Ele estava falando a uma nova classe, e um aluno levantou-se para ler um parágrafo, segurando o livro com sua mão esquerda. “Cavalheiro!” – esbravejou o professor – “segure o livro em sua mão direita!” O estudante tentou falar. “Sem palavras, cavalheiro! Em sua mão direita, eu lhe disse!” O rapaz levantou seu braço direito, terminado abruptamente no pulso: “Senhor, eu não tenho a mão direita”, disse.

Em seguida, o professor deixou seu lugar, e indo ao aluno que tinha involuntariamente ferido, ele colocou o braço em volta dos ombros do rapaz e puxou-o para perto de seu peito. “Meu filho”, disse Blackie – ele agora falava muito baixinho, mas não tão baixinho, de modo que cada palavra era audível no silêncio que caíra sobre a sala de aula – “Por favor, perdoe-me por ter sido tão rude? Eu não sabia, eu não sabia!”.

17-5. NOSSAS PRÓPRIAS IMPERFEIÇÕES

Nossas próprias imperfeições também nos incapacitam para julgar de forma justa. Com “traves” em nossos próprios olhos, não podemos ver claramente para tirar “ciscos” do olho do nosso irmão.

Uma das qualidades que nos tornam incapazes de julgamento imparcial dos outros é a inveja. Há poucos de nós que podemos ver a vida, trabalho e disposição de nosso próximo sem alguma deformação ou distorção da imagem. A inveja tem um efeito estranho em nossa visão moral: ela mostra as coisas bonitas em outros, com a beleza *esmaecida*, e mostra os defeitos e falhas em si mesmos como *exagerados*.

De outras formas, também, o miserável *egoísmo* de nossos corações se impõe e faz com que nossos julgamentos dos outros frequentemente sejam realmente cruéis e impiedosos.

A falta de experiência na luta particular do outro faz com que muitas pessoas sejam incapazes de solidariedade para com os tentados. Aqueles

²⁸ Referência a John Stuart Blackie (1809-1895), professor escocês (N. do T.).

que nunca conheceram um cuidado nem sentiram a opressão da pobreza não podem compreender as experiências dos pobres. Assim, de muitas maneiras, estamos *inaptos* para sermos juizes dos outros.

17-6. SOMOS CHAMADOS À EDIFICAÇÃO MÚTUA

Outra razão pela qual não devemos julgar os outros é que nosso assunto com eles, o nosso verdadeiro dever para com eles, é ajudá-los a crescer longe de suas falhas! Somos mantidos juntos na vida para fazer do outro alguém melhor, e a maneira de agir assim não é por falar continuamente dos defeitos que vemos em outros. *Implicância* e *xingamento* nunca fizeram alguém piedoso! Constantemente apontar *manchas* nunca curou alguém de seus defeitos!

Talvez haja um *dever de relatar aos outros as suas faltas*, mas, nesse caso, ele só existe em determinadas e raras relações, e isso deve ser exercido apenas em um espírito raro de afetuosidade. Muitas vezes somos informados de que uma das melhores qualidades de um verdadeiro amigo é que ele pode e vai nos contar fielmente as nossas faltas. Talvez isso seja verdade, mas muitos de nós não temos *graça* suficiente para *acolher* e *aceitar* como valoroso esse trabalho de um amigo. A mãe pode dizer a seus filhos os seus defeitos se ela os fizer com sabedoria e carinho, nunca com raiva ou impaciência. Um professor pode dizer a seus alunos os seus erros e mostrar-lhes suas faltas se isso for feito com o desejo verdadeiro e amoroso de sua melhoria. Mas na *amizade comum* não se pode aceitar o cargo de *sensor*, mesmo quando se suplica a exercê-lo, exceto com a probabilidade mais forte de que o resultado seja a perda da amizade, como o preço pago pela possível cura da culpa do amigo.

Implicância não é um meio de *graça*. Há um caminho mais excelente: o caminho do amor. É melhor, quando queremos corrigir defeitos nos outros, ter o cuidado de deixá-los ver em nós, em forte contraste, a *virtude* e a excelência em oposição ao *defeito* que vemos neles. É hábito de um homem bom – se alguém de sua família ou amigos *deixa de pronunciar* uma palavra ao seu ouvido – jamais ser pedante para corrigir o erro, mas usar da mesma palavra, na primeira oportunidade que encontra, dando-lhe a pronúncia adequada. Algo assim é sábio em ajudar os outros em lançar fora suas falhas de caráter de conduta. O *exemplo* é melhor do que a *crítica*.

Esse foi o caminho de nosso Senhor com seus discípulos. Ele nunca os repreendeu. Ele suportou pacientemente sua apatia e lentidão de estudantes. Ele nunca cansou de repetir a mesma lição mais e mais para eles. Mas ele nunca foi um *sensor*. Ele não lhes dizia continuamente de todos os *defeitos* que via neles. Que não era aquela a sua forma de buscar o crescimento numa vida melhor e mais doce a eles. Seu coração estava cheio de

amor. Ele viu que por trás de todas as suas fraquezas e fracassos havia a sinceridade e o desejo de fazer o certo, e com infinita paciência e bondade ele sempre os ajudou em direção a uma vida mais santa e mais doce.

Precisamos nos relacionar com os outros, como fez Cristo aos seus discípulos, se quisermos ajudar os outros a crescer em beleza espiritual. *Censurar* não realiza nada em fazer as pessoas melhores. Você nunca pode fazer ninguém doce por repreendê-lo. Apenas *gentileza* produzirá *gentileza*. Só o *amor* vai curar enfermidades de disposição. Como regra geral, a *deteção de falhas* é exercida em nada além de um espírito amoroso. As pessoas não ficam verdadeiramente *entristecidas* pelos pecados de outros, os quais eles complacentemente expõem e condenam. Muitas vezes eles parecem *gostar* de ter descoberto algo nada belo em um vizinho, e eles investem sobre a mancha como um abutre sobre a carniça! Se a crítica nunca é um espetáculo – por ser algo que deveria ser de profunda tristeza para o amigo, pois existe culpa nele, e havendo o desejo sincero de que por causa dele essa culpa seja removida – então a crítica deve ser feita em seguida; não no ouvido do mundo, mas “entre ele e você sozinho”.

Devemos nos treinar, portanto, para ver o *bem*, não o *mal* dentro dos outros. Devemos falar palavras de aprovação para o que for *belo* em si, não amargo, condenando as palavras do que pode ser *imperfeito* ou *desagradável*. Devemos olhar para os outros com os *olhos do amor*, não com os olhos de *inveja* ou de *egoísmo*. Devemos procurar curar com *mansidão e verdadeiro afeto* as coisas que não são como deveriam ser.

CAPÍTULO 18

OUTRAS PESSOAS

18-1. EXISTEM OUTRAS PESSOAS

“Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam; pois esta é a Lei e os Profetas” (Mateus 7:12/NVI)

Existem *outras pessoas*. Nós não somos os únicos. Alguns dos outros vivem perto de nós, e alguns mais longe. Nós temos determinada relação com as outras pessoas. Eles têm reivindicações sobre nós: devemos-lhes deveres, serviços, de amor. Não podemos nos eximir de qualquer um deles e dizer que eles não são nada para nós. Não podemos nos livrar das *obrigações* contraídas com eles e dizer que não lhes devemos nada. Este relacionamento é tão inexorável com os outros que, em toda a vasta terra, não há um único indivíduo que não tenha o direito de vir a nós com as suas necessidades, clamando, por nossa mão, no ministério do amor. Outras pessoas são *nossos irmãos*, e não há um deles sequer que tenhamos o direito de desprezar, negligenciar ou empurrar para longe da nossa porta.

18-2. DEVERES PARA COM O PRÓXIMO

Devemos nos disciplinar para *pensar nas outras pessoas*. Nós não podemos deixá-los à margem de quaisquer dos planos que fazemos. Eles têm direitos assim como nós, e devemos considerá-los ao afirmar o nosso próprio. Nenhum homem pode construir sua cerca além dos seus limites,

no terreno de seu vizinho. Nenhum homem pode colher nem mesmo uma centelha de trigo do seu próximo. Nenhum homem pode entrar espontaneamente à porta de seu vizinho. Nenhum homem pode fazer nada que irá prejudicar seu vizinho. Outras pessoas têm direitos inalienáveis que não podemos invadir.

Devemos a outras pessoas mais do que elas têm *por direito*: devemos a elas *amor*. Para algumas delas, não é difícil pagar esta dívida. Eles são adoráveis e cativantes. Eles são completamente respeitáveis. São espíritos agradáveis; nós lhes damos em troca tanto quanto podemos lhes dar. É natural amá-las e ser muito bondosos e gentis com elas. Não temos, no entanto, liberdade de *escolha* neste amplo dever de amar outras pessoas. Se nós pretendemos ser cristãos, não podemos escolher a *quem* vamos amar.

O ensinamento do Mestre é inexorável: *“E se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? Também os pecadores amam aos que os amam. E se fizerdes bem aos que vos fazem bem, que recompensa tereis? Também os pecadores fazem o mesmo. E se emprestardes àqueles de quem esperais tornar a receber, que recompensa tereis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para tornarem a receber outro tanto. Amai, pois, a vossos inimigos, e fazei bem, e emprestai, sem nada esperardes, e será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é benigno até para com os ingratos e maus”* (Lucas 6:32-35).

O *Bom Samaritano* é a resposta do Senhor à pergunta: “Quem é o meu próximo?” e o próximo do Bom Samaritano fora um amargo inimigo, que, em outras circunstâncias, teria lhe apartado de sua presença. Outras pessoas podem não ser bonitas em seu caráter, nem agradáveis em seus hábitos, costumes, modos de vida, ou de disposição; podendo ainda ser cruéis para nós, injustas, irracionais, em estrita justiça completamente indignas do nosso favor; ainda assim, se persistirmos em sermos chamados de *cristãos*, devemos a elas o amor que não pensa mal, que não busca o seu próprio interesse, que provê todas as coisas, persevera em todas as coisas, e nunca falha.

Ou seja, devemos *serviço* às outras pessoas. Servir anda junto com *amar*. Não podemos amar com sinceridade e não servir. Amor sem *serviço* é um sentimento vazio, um pobre zombaria. Deus *amou* tanto o mundo que *DEU*. O amor sempre dá: se ele não der, não é amor. Ele é medido sempre por aquilo que dará. As necessidades de outras pessoas, portanto, são ordens divinas para nós que não ousamos ignorar ou desobedecer. Recusar-se a ajudar um irmão que está diante de nós, em qualquer tipo de necessidade, é um pecado tão grande como quebrar qualquer um dos mandamentos do Decálogo.

18-3. CONDENAÇÃO POR NEGLIGÊNCIA PARA COM O PRÓXIMO

Nós gostamos de pensar que não há pecado em *apenas não fazer*, mas Jesus, em Sua maravilhosa imagem do Juízo Final, faz com que a condenação dos homens converta-se no *não fazer as coisas que deveriam ter sido feitas*. Eles simplesmente não alimentaram os famintos, nem vestiram o nu, nem visitava os doentes, nem abençoaram o prisioneiro. Para tornar esses *pecados de negligência* ainda mais graves, nosso Senhor faz uma questão pessoal de cada caso, coloca-se no lugar do doente que precisa e não é atendido, e nos diz que toda negligência em dar assistência necessária para qualquer deles é negligência mostrada a *ele mesmo*. Esta palavra divina confere um enorme interesse de *outras pessoas* que providencialmente são conduzidas à esfera pessoal de nossas vidas para que as suas necessidades de qualquer tipo devam apelar para a nossa simpatia e bondade. *Negligenciá-los é negligenciar a Cristo*.

18-4. MORTE AO EGOÍSMO

O mundo está muito cheio de tristeza e julgamento, e não podemos viver entre os nossos semelhantes e ser fiéis a Cristo sem compartilhar suas cargas. O *egoísmo* tem de morrer, ou a vida do nosso próprio coração deve ser congelada dentro de nós. Começamos a nos felicitar por alguma prosperidade especial; no momento seguinte uma necessidade humana bate à nossa porta, e devemos compartilhar nossas coisas boas com um irmão que sofre. Nós podemos construir nossas *teorias agradáveis* sobre como cuidar de nós mesmos, de viver para o futuro, de colocar-se no verão da prosperidade para o inverno de adversidade, de prover para a velhice ou para nossos filhos, mas muitas vezes todos esses planos frugais e econômicos têm de ceder às *exigências da necessidade humana*. O amor que não busca seus próprios interesses lança devastação contra a *lógica dura da vida*. Não podemos dizer que tudo seja nosso quando o nosso irmão está sofrendo, diante do que podemos dar.

Nenhum dia passa, dentre as mais comuns experiências de vida, em que as outras pessoas não estejam diante de nós com as suas necessidades, apelando para nós por algum serviço que podemos prestar. Pode ser apenas por cortesia comum, a suave bondade do círculo familiar, o tratamento paciente de vizinhos ou clientes nas relações comerciais, a exibição reflexiva de interesse em pessoas idosas ou em crianças. Por todos os lados, a vida de outras pessoas toca a nossa, e não podemos fazer tudo o que desejamos, pensando apenas em nós mesmos e em nosso próprio conforto, a menos que escolhamos como falsos todos os instintos da humanidade e a todos os requisitos da lei do amor cristão.

Devemos pensar continuamente em outras pessoas. Nós não podemos buscar nosso próprio prazer de qualquer maneira, sem perguntar se ele vai ferir ou prejudicar o conforto de alguns outros. Por exemplo, temos de pensar em conveniência de outras pessoas, no exercício de nossa própria liberdade e na satisfação dos nossos próprios gostos e desejos. Pode ser agradável para nós ficar até tarde na cama pela manhã, e podemos nos inclinar a considerar esse hábito como apenas *uma inofensiva e pequena autoindulgência*. Mas há um lado mais sério para a prática: ele quebra o fluxo harmonioso da vida familiar. Ela provoca confusão nos planos da família para o dia; ele dá trabalho extra para a esposa ou mãe. É algo que testa extremamente a paciência do amor.

Em certo dia, uma importante comissão de quinze integrantes foi mantida esperando por 10 minutos um membro atrasado, cuja presença era necessária antes de qualquer coisa que ele pudesse fazer. Por fim, ele veio passeando, sem sequer oferecer um pedido de desculpas por ter causado a quatorze homens ocupados uma perda de tempo que a eles foi muito valioso, além de ter colocado uma pressão sobre sua paciência e boa natureza. Não temos o direito de esquecer ou ignorar a conveniência de outros. A aplicação consciente da Regra de Ouro²⁹ nos cura de todo esse descuido.

Estes são apenas exemplos da forma como outras pessoas incidem sobre nossas vidas. Eles estão tão perto de nós que não podemos nos mover sem tocá-las. Não podemos falar sem que nossas palavras afetem os outros. Não podemos agir no mais simples acontecimento sem primeiro pensar se o que estamos prestes a fazer visa ajudar ou prejudicar os outros. Somos apenas um de uma grande família, e não ousamos viver para nós mesmos. Nunca devemos nos esquecer de que *existem outras pessoas!*

²⁹ Referência a Mateus 7:12, o versículo que abre esta reflexão (N. do T.).

CAPÍTULO 19

AMANDO O PRÓXIMO

19-1. QUEM É O MEU PRÓXIMO?

“Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Marcos 12:31)

Definições são importantes. *Quem* é o meu próximo? *Que* é amar o meu próximo? Se pudermos fazer “próximo” significar apenas um pouco de conjunto de pessoas, o nosso próprio conjunto, e se podemos definir “amor” para atender às nossas próprias noções egoístas, será relativamente fácil orar: “Senhor, inclina os nossos corações para manter esse mandamento.” Mas escritura não cede à nossa interpretação deste modo. Nós não podemos tomar suas palavras como o oleiro toma o barro e o molda a nosso bel-prazer. Ambos, *próximo* e *amor*, estão claramente definidos na Bíblia.

Aconteceu uma vez que certo homem perguntou a Jesus QUEM era seu próximo, e nós temos a resposta na *parábola do Bom Samaritano*. Um próximo é quem passa a estar perto de nós em qualquer necessidade, angústia ou perigo. Ele pode ser o pior homem na terra, banido por seus próprios pecados: ainda assim, se ele estiver perto de nós e precisar da nossa ajuda, ele é nosso vizinho, o homem ao qual o mandamento nos convida a amar. Estaríamos dispostos o suficiente para amar o nosso próximo se pudessemos escolhê-lo, mas isso não podemos fazer. Devemos deixar que Deus escolha o próximo em particular que Ele quer que amemos.

Que é amar o nosso próximo? *Amar* que é difícil. Poderíamos fazer quase qualquer outra coisa, menos amar vizinhos desagradáveis.

Mas o amor é a palavra, e nenhuma *versão revisada* muda isso. Não importa o quão desagradáveis, desamorosos ou indignos nossos próximos atuais podem ser: ainda assim o mandamento persistente e incansavelmente nos diz: “*Amarás a ele!*”.

19-2. AMOR AO PRÓXIMO NA PRÁTICA

Nossos próximos estão diante de nós o tempo todo, necessitando de nosso amor. Na verdade, eles tocam nossas vidas tão continuamente, que devemos vigiar cada olhar, palavra e ato nosso, sob pena de ferir algum espírito sensível.

Algumas pessoas parecem esquecer que *as outras pessoas têm sentimentos*. Eles estão constantemente a dizer palavras e fazer coisas que causam dor. O verdadeiro amor é *atencioso*. Devemos treinar nossos corações para o *sentido mais delicado da bondade* para que nunca possamos brincar de causar dor a qualquer outro ser humano. Nossos próximos têm corações, e que devemos a cada um deles, ao mendigo que encontramos na rua, ao pobre coitado que encontramos rastejando na lama da degradação do pecado, ao inimigo que arremessa seus insultos na nossa face: a todos devemos o amor que é atencioso, gentil, e não causa nenhum ferimento.

Devemos nos treinar a tal reverência, a tal respeito pela vida humana, a ponto de nunca ferirmos o coração de uma das criaturas de Deus, nem mesmo por um olhar de desdém.

Nosso amor deve também ser *paciente*. Nosso próximo pode ter seus defeitos, mas somos ensinados a suportar as fraquezas uns dos outros. Se soubéssemos a história de vida dos homens, os fardos ocultos muitas vezes carregados por causa de outros, a ferida não cicatrizada em seu coração, não teríamos paciência mais gentil com eles. A vida é difícil para a maioria das pessoas, certamente difícil o suficiente sem a nossa carga adicional de críticas, zombarias, desprezo, e de nossa falta de amor.

19-3. NEGLIGÊNCIA NO AMOR AO PRÓXIMO

As coisas que o amor NÃO faz também devem ser consideradas. Muitos de nós falhamos na nossa *negligência* do dever de amar tanto quanto nas *feridas* que fazemos aos outros. Nós caminhamos em frio silêncio ao lado de alguém cujo coração está doendo ou partido, não dizendo a rica palavra quente de amor que poderíamos dizer, e que daria muito conforto. Todos os próximos a nós são famintos, e o Mestre está nos dizendo: “Dai-lhes vós de comer!” (Marcos 6:37); nós, contudo, estamos retendo a partir deles, aquela que poderíamos dar; e eles estão morrendo de fome, enquanto poderiam ser saciados.

Não devemos ser negligentes. O fato é que não temos ideia de como poderíamos ser de bênção para os outros, como poderia ser. Nós não sonhamos que, com *os nossos pobres e rústicos pães de cevada*, podemos alimentar milhares de pessoas. Somos muito simplórios com nossos *presentes do coração*. Deus nos deu amor para que com ele possamos tornar a vida mais doce, melhor, mais fácil, mais vitoriosa e alegre para com os outros. Nós cometemos um *grave erro* a outros enquanto somos *mesquinhos* com a medida do amor que lhes damos, quando retemos as palavras de ânimo, apreciação, incentivo, carinho e conforto que estão em nossos corações para proferir, ou quando deixamos de fazer as coisas boas e gentis que facilmente poderíamos fazer para tornar a vida mais feliz e mais agradável para eles.

A lição é de grande e muito mais ampla aplicação. Ela toca as nossas relações com todos os homens. Ela impulsiona os nossos interesses comerciais: em nossa ambição de conseguir, não devemos esquecer o nosso próximo. Ela toca a nossa influência: não devemos fazer o que irá prejudicar o nosso próximo ou levá-lo a tropeçar. Tem a sua influência importante sobre missões; devemos amor aos que perecem longe ou perto, a quem podemos levar ou enviar o evangelho da salvação.

“Seu próximo” é qualquer homem, mulher ou criança, de qualquer caráter, condição, nação ou religião, que Deus possa colocar perto de você em necessidade.

19-4. FAZER O BEM, ESPECIALMENTE “AOS DA FAMÍLIA DA FÉ”

Mas há um *círculo interno*. Há uma *fraternidade em Cristo* que está mais perto ainda. Devemos fazer o bem a todos os homens, *especialmente* para aqueles que são da família da fé. Isso *não* significa apenas nossa própria igreja em particular.

Aquele que subiu em um balão disse que, conforme ele subia, as cercas que dividiam a terra em campos e fazendas desapareciam, até que em breve ele viu apenas um grande largo, uma bela paisagem da pradaria, do campo e da floresta, com o córrego sinuoso e rio, brilhando na rica beleza debaixo dos céus puros. Assim ocorre à medida que subimos mais perto de Deus no amor, na fé e na experiência cristã. *As cercas que dividem* a grande igreja de Deus em fazendas eclesiásticas e campos de pastagem ficam cada vez menores, até que finalmente desaparecem por completo e só vemos uma grande santa igreja, a Cristo. Todos os verdadeiros cristãos são um em Cristo. A maioria das diferenças denominacionais nada é senão algo de menor importância em comparação com o amor de Cristo, com a cruz, com a Bíblia, e os céus que todos os verdadeiros cristãos têm em comum. Devemos aprender a amar uns aos outros como cristãos: o amor logo rompe as cercas. Devemos consolar um ao outro e ajudar um ao outro, a caminho do lar.

CAPÍTULO 20

O CUSTO DE SER AMIGO

20-1. GENERALIDADES

“Assim nós, sendo-vos tão afeiçoados, de boa vontade quiséramos comunicar-vos, não somente o evangelho de Deus, mas ainda as nossas próprias almas; porquanto nos éreis muito queridos”
(1 Tessalonicenses 2:8)

Usamos a palavra “amigo” muito suavemente. Falamos de nossas *dezenas de amigos*, ou seja, de todos aqueles com quem temos relações amistosas comuns, ou mesmo de agradáveis conhecidos. Dizemos que uma pessoa é nosso amigo quando o conhecemos apenas nos negócios ou socialmente, quando o seu coração e o nosso nunca se tocaram em qualquer comunhão de verdade. Pode haver nada de errado nessa ampla aplicação da palavra, mas devemos entender que, se usada neste sentido, o seu significado completo e sagrado não é sequer tateado.

Para tornar-se amigo de outro alguém, no sentido verdadeiro, é levar o outro em tão estreita comunhão de vida que a vida deles e a nossa estejam unidas como uma só. É muito mais do que uma companhia agradável em horas brilhantes e ensolaradas. É mais do que uma associação de interesse mútuo, lucro ou diversão. A amizade verdadeira é completamente altruísta. Ela não busca benefício ou o bem para si só. Ela não ama por aquilo que pode *receber*, mas por aquilo que ela pode *dar*. Seu objetivo é “não para ser servido, sim para servir” (Marcos 10:45).

20-2. O REAL COMPROMISSO ENVOLVIDO NA AMIZADE

Custa ser um amigo. “Na alegria ou na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença” permeia todas as amizades verdadeiras. Quando tomamos uma pessoa em nossas vidas como um amigo, não sabemos o que pode nos custar a ser fiéis à nossa confiança. O infortúnio pode acontecer ao nosso amigo, e ele pode precisar de nossa ajuda de uma forma que irá lançar um pesado fardo para nós.

Isso pode acontecer em seus negócios ou em seus assuntos seculares, nos quais ele pode sofrer. Ajuda oportuna pode capacitá-lo a superar suas dificuldades e alcançar circunstâncias prósperas. Pode estar em nosso poder prestar-lhe a assistência de que ele precisa, sem a qual ele deveria sucumbir ao fracasso. Isso vai nos custar conveniência pessoal e dificuldade para agir assim. Mas ele é nosso amigo. Nós o trouxemos para nossas vidas, tornando-nos, assim, sócios em todos os seus assuntos. Podemos negar-lhe a ajuda que ele precisa e que podemos dar, sem quebrar o pacto sagrado de amizade e falhando em nossas obrigações sagradas para com ele?

Pode ser a infelicidade da doença e a saúde afetada que vêm sobre nosso amigo. Ele não é mais capaz de ser útil para nós como ele o era nos dias em que a amizade se constituiu. Assim, ele poderia contribuir com sua parte no mútuo ministério de dar tanto quanto receber. Então a amizade com ele não nos trazia nem cuidado, nem ansiedade alguma, tampouco exigia de nós autonegação ou sacrifício. Enfim a amizade com ele vinha sobre nós sem carga, sem ônus.

Por outro lado, ela era cheia de utilidade. Ela trouxe força para o nosso coração pela sua alegria amorosa. Foi uma bênção para as nossas vidas, em suas agradáveis inspirações, em seu doce conforto, em seu afeto satisfatório. Ela ficou ao nosso lado em todos os nossos momentos de provação com plena solidariedade, colocando sobre seus ombros os nossos fardos, auxiliando-nos por seu conselho, seu encorajamento. Ela trouxe os seus inúmeros benefícios e ganhos. Mas agora, em seu estado fraco e quebrado, ela não pode mais nos dar esta ajuda forte e nos elevar. Em vez disso, tornou-se um fardo. Devemos levar sozinhos as cargas, aquelas que sua amizade tão generosamente compartilhou. Ele precisa da nossa ajuda agora, e pode dar em troca apenas de um peso de cuidado.

Por exemplo, uma esposa torna-se inválida. Nos primeiros dias de vida conjugal, ela era autêntica colaboradora de seu marido, sua parceira leal em todo o dever, cuidado, trabalho e sustento de cargas. Sua amizade trouxe muito mais do que custo; mas *agora* ela só pode descansar em meio a cuidados, e ver seu marido enfrentá-los sozinho. Em vez de *compartilhar* seus fardos, ela mesma se tornou um fardo *adicional* que ele deve levar! Seu amor, no entanto, não vacila nem por um momento. Ele a amava, não pela ajuda que ela lhe dava, mas para o seu próprio bem. Daí o seu amor não muda quando ela não é mais uma forte colaboradora, mas um fardo ao

invés disso. Seu coração só cresce mais maleável, sua mão mais delicada, seu espírito mais corajoso. Ele acha ainda alegria mais profunda e doce agora em *servi-la* do que ele descobriu antes de *ser servido* por ela.

Esse é o significado da verdadeira amizade, onde quer que ela exista. Não se baseia em nenhuma utilidade ou serviço que ela deva *receber* como condição de existência. Sua origem está no próprio coração. O seu desejo é essencial em *ajudar* e *servir*. Não faz bom cálculo de tanto a ser *dado* e tanto a ser *recebido*: ela para, sem qualquer custo, no que a fidelidade possa acarretar. Ela hesita, mas sem se autonegar, no que possa ser necessário ao cumprimento de suas funções. Ela não reclama quando tudo tem que ser abandonado. Ele só se torna *mais forte*, *mais fiel* e *leal*, conforme as demandas para dar e servir se tornarem maiores.

20-3. O CUSTO DA INTIMIDADE RELACIONAL

Há outra fase do *custo de amizade* que não deve ser esquecido: a que vem com a revelação de *falhas* e *defeitos* e *pecados*. Num primeiro momento, vemos as pessoas apenas na superfície de suas vidas e começamos a admirá-las; nós somos atraídos por elas por qualidades que ganham a nossa atenção. À medida que nos tornamos associados a elas, tornamo-nos interessados nelas. Por fim, nosso carinho os alcança, e nós os chamamos *nosso amigos*. Andamos com eles em companhia agradável, o que não faz exigências sobre o nosso altruísmo, e que pouco divulga de sua vida íntima. Nós os conhecemos por enquanto apenas na *superfície* de seu caráter, sem ter conhecimento real com o *eu* que está escondido atrás de *convencionaisismos da vida*. Nada ocorreu no progresso da nossa amizade para trazer as coisas em sua disposição, que não são totalmente desejáveis.

De longe a *intimidade mais próxima* ou as circunstâncias difíceis revelam as falhas e defeitos dos amigos. Aprendemos que, debaixo do *exterior atraente* que tanto nos contenta, há pecados, manchas, falhas e deficiências que, infelizmente, desfiguram a beleza de sua vida. Descobrimos neles elementos de egoísmo, falsidade, engano, ou malignos, que doem em nós. Nós achamos que eles têm *hábitos secretos* que são *repulsivos*. Há coisas em sua *disposição* de que nunca suspeitamos nos dias de conversa social comum, que se mostram ofensivas no *estreitamento das relações íntimas de amizade*.

Isso ocorre muitas vezes na vida *conjugal*: o maior e mais livre conhecimento anterior ao casamento revela apenas o *melhor* lado da vida de ambos. O mesmo é verdade, em maior ou menor grau, em todas as amizades.

Muitas vezes este é um teste severo de amor. É somente à medida que subimos em algo do *espírito de Cristo* que somos capazes de atender a essa prova de amizade. Ela nos toma como somos e não se cansa de nós, sejam quais forem as faltas e os pecados que se exibam em nós. Há nisso infinito conforto para nós. Estamos conscientes da *indignidade*, de-

sagrado e vileza que estão em nossas almas. Existem coisas em nossas vidas que não revelaríamos para o mundo. Muitos de nós temos *páginas na nossa biografia* que não atreveríamos a espalhar diante dos olhos dos homens! Existem em nosso interior sentimentos – sentimentos, anseios, desejos, ciúmes, motivos maus – os quais não iríamos sentir segurança em desnudá-los ao nosso amigo mais próximo, querido, gentil e paciente!

Cristo, entretanto, conhece todos eles. Nada é escondido, nada *pode* ser escondido de seus olhos. Para Ele, há uma perfeita revelação dos recônditos mais profundos do nosso coração. No entanto, não precisamos ter medo de que sua amizade por nós vá mudar, crescer menos ou acabar, quando Ele descobre em nós *coisas repulsivas*. Essa é a amizade humana ideal. Não é *repelida* pela *revelação de falhas*. Mesmo que o amigo caia em pecado, o amor ainda se apegua, perdoa e busca sua restauração.

Estamos aptos a reclamar se nossos amigos não nos *retornam* com um amor tão profundo, rico e constante como lhes damos. Sentimo-nos machucado diante de qualquer evidência de *fuga* do amor neles quando eles *nos* decepcionam, de alguma forma, quando pensamos que eles não tenham sido completamente fiéis e desinteressados, ou quando tiverem sido imprudentes ou indiferentes para conosco. Mas Cristo viu em seu próprio povo redimido um retorno muito fraco por todo Seu profundo amor por eles, a recompensa mais inadequada por toda Sua maravilhosa bondade e graça. Eles não eram confiáveis, fracos, infiéis, às vezes imprudentes e irrefletidos; no entanto, ele continuou a amá-los, a despeito de tudo o que Ele achou neles de desagradável e indigno.

Essa é a amizade que Ele ensinaria a Seus discípulos. Assim como Ele nos ama, Ele quer que amemos os outros. Nós dizemos que os homens não são dignos de tais amizades: na verdade, eles não são, nem nós somos dignos do amor maravilhoso de Cristo. Cristo, todavia, nos ama, não de acordo com o nosso merecimento, mas de acordo com as riquezas de seu próprio coração amoroso! Assim deveria ser com a nossa doação de amizade, não conforme a pessoa mereça, mas diante da estatura do nosso próprio caráter.

Estes são exemplos suficientes para mostrar o que pode *custar* ser um amigo. Quando recebemos alguém para este *relacionamento sagrado*, não sabemos que *responsabilidade* levaremos sobre nós mesmos, que *sobrecarga* poderemos levar em sermos fiéis, que *tristezas* nosso amor pode nos custar. É algo sagrado, portanto, ter um novo amigo em nossas vidas. Aceitamos a responsabilidade solene quando o fazemos. Nós não sabemos que *fardos* poderemos assumir, que *sacrifícios* poderemos inconscientemente nos comprometer a realizar, que *tristezas* podem vir até nós através da pessoa a quem estamos abrindo nosso coração. Por isso devemos escolher cuidadosamente nossos amigos, com sabedoria e oração, mas quando comprometemos o nosso amor, devemos ser fiéis, *seja qual for* o custo que se possa perceber!

CAPÍTULO 21

O PECADO DE ESTAR DESENCORAJADO

21-1. GENERALIDADES

“Mas deliberei isto comigo mesmo: não ir mais ter convosco em tristeza.”
(2 Coríntios 2:1)

Há algumas pessoas que sempre olham para o *lado negro*. Eles encontram todas as *sombras* na vida, e persistem em andar nelas. Elas proporcionam a escuridão aos outros, por onde quer que passem – nunca a claridade. Essas pessoas fazem um grande mal no mundo. Elas tornam toda a vida *mais difícil* para aqueles a quem influenciam. Elas trazem um *pesar* mais difícil de suportar, porque exageram e apagam todas as *estrelas* de *esperança* e de *conforto* que Deus estabeleceu para brilhar na *noite deste mundo*. Elas fazem com que os *encargos* surjam mais pesados porque, pela sua filosofia desanimadora, elas deixam o coração com um peso menos forte e corajoso para suportar. Eles fazem as *batalhas da vida* mais difíceis porque, por seus pressentimentos sinistros, elas paralisar o braço que empunha a espada. O propósito completo da vida dessas pessoas é o de *desencorajar* os outros, de encontrar coisas *desagradáveis* e apontá-las, de descobrir os *perigos* e falar sobre eles, de olhar para as *dificuldades* e *obstáculos* e proclamá-los.

Um homem cortês foi convidado a contribuir para a construção de um monumento a um destes desencorajadores, e respondeu: “Nem um centavo! Estou pronto a contribuir para a construção de monumentos àqueles que nos trazem *esperança*, mas eu não vou dar um centavo àqueles que

vivem para nos fazer *desesperar*". Ele estava certo. Homens que fazem a vida mais difícil para nós não podem ser chamados de benfeitores. Os verdadeiros benfeitores são aqueles que nos mostram a *luz* em nossas trevas, o *conforto* em nossas dores, a *esperança* em nosso desespero.

21-2. ATITUDES PARA COM OS DESENCORAJADOS

Há uma *beleza de alma* que faz com que fique radiante o mais Todos nós precisamos *ser fortalecidos e inspirados* por experiências difíceis da vida, nunca enfraquecidos e desanimados. Se conhecermos outras pessoas abatidas e desanimadas, é nosso dever, como seus amigos, não fazer os seus ensaios e cuidados parecerem tão *grandes* quanto podemos, mas, ao invés disso, apontar-lhes o *forro de prata* nas nuvens e colocar nova *esperança* e *coragem* em seus corações. Se encontrarmos outros na *tristeza*, é nosso dever não lhes dizer apenas quanto lamentamos por eles, o quanto temos de pena deles, mas chegar perto deles em amor, sussurrar em seus ouvidos os fortes *confortos da graça divina*, para fazê-los mais fortes a fim de suportar sua tristeza. Se encontrarmos os outros no meio de dificuldades e conflitos, fracos e quase prontos a se render, é nosso dever não apenas lamentar com eles a gravidade e a dureza de suas batalhas e, em seguida, deixá-los ir para a derrota certa, mas *inspirá-los* à bravura e à vitória!

É de importância vital que aprendamos essa lição, se queremos ser verdadeiros cooperadores de outras pessoas em suas vidas. Se tivermos apenas *tristeza* para dar a homens e mulheres, não teremos o direito de estar entre eles. É só quando temos algo que vá lhes abençoar, erguer seus corações e lhes dar vislumbres de coisas brilhantes e bonitas para viver, que estaremos realmente comissionados para sair como evangelhos³⁰ para o mundo.

É melhor que não cantemos de *tristeza* se a nossa canção termina assim. Há *notas* bastante *tristes* que já flutuam no ar do mundo, gemendo nos ouvidos dos homens. Devemos cantar só e constantemente de *esperança*, *alegria* e *ânimo*. Jeremias teve o direito de chorar, pois ele se sentou no meio das ruínas de prosperidade de seu país, olhando para a *abordagem rápida e irresistível* de problemas que poderiam ter sido evitados³¹. Jesus teve o direito de chorar sobre o Monte das Oliveiras, pois Seu olho viu o terrível castigo que viria sobre as pessoas que amava, depois

³⁰ Isto é, "portadores de boas novas", subentendido (N. do T.).

³¹ Referência a Lamentações 1:1-12 e passagens correlatas (N. do T.).

de fazer tudo em seu poder para evitar a desgraça que o pecado e a incredulidade irrompiam por sobre eles³².

Muitos de nós, todavia, não somos chamados a viver em meio à dor como aquela que partiu o coração de Jeremias. E, assim como Jesus, sabemos que Pregador de *esperança* Ele foi, por onde quer que andasse. Nossa missão deve ser a de levar aos homens não notícias de tristeza e desgraça, mas alegria e a boa notícia. As pessoas estão nos dizendo: “Deem-nos as suas esperanças, suas alegrias, seu sol, sua vida, suas verdades edificantes; já temos tristezas, lágrimas, nuvens, males, cadeias, dúvidas suficientes por nós mesmos!”.

Esta é a missão do cristianismo no mundo: ajudar os homens a ser *vitoriosos*, sussurrar *esperança* onde há desespero, dar *alegria* onde quer que haja desânimo. Ele sai para *abrir* as prisões, para *abrir* as cadeias, e *livrar* os cativos. Seu símbolo não é apenas uma cruz; esse é apenas um dos seus símbolos, contando o preço da nossa redenção, dizendo do amor que morreu, mas seu símbolo final é um *sepulcro aberto*, aberto e vazio! Sabemos o que isso significa. Ele conta a história de vida, não de morte; da vida vitoriosa sobre a morte. Não devemos supor que a sua promessa é apenas para a ressurreição final: é para a ressurreição a cada dia, a cada hora, ao longo de toda a morte. Isso significa *vida* invencível, inextinguível, indestrutível, imortal em todos os pontos onde a *morte* parece ter conquistado uma vitória. Derrota, em qualquer circunstância, é simplesmente impossível se estamos em Cristo e se Cristo está em nós. É tão verdade de Cristo em nós, como foi com Cristo ao descer ao túmulo de José, que não pode ser mantido em cativo por causa da morte.

Segue-se que não pode haver uma *perda* na vida de um cristão, da qual um *ganho* não possa vir, como uma planta de uma semente enterrada. Nunca pode haver uma *tristeza* da qual a *bênção* não possa nascer. Nunca pode haver um *desânimo* que não possa ser ocasionado para render alguns frutos de *força*.

21-3. MISSÃO: SER ARAUTO DA ESPERANÇA

Se, portanto, são verdadeiras e fiéis mensagens de Cristo, nunca podemos ser *profetas do pessimismo*, desânimo e desespero. Devemos sempre ser arautos da esperança. Devemos sempre ter boas notícias para contar. Há um evangelho o qual temos o direito de proclamar a todos, seja qual for a tristeza. Em Cristo há sempre uma esperança, um segredo da *vitória*, um poder de transmutar perda em *ganho*, para transformar a derrota em *vitória*, para trazer a *vida* da morte. Estamos vivendo digna-

³² Referência a Mateus 23:37 (N. do T.).

mente apenas quando vivemos vitoriosamente por nós mesmos em cada ponto, quando estamos a inspirar e ajudar os outros a viver vitoriosamente, e quando nossas vidas são canções de *esperança* e de *alegria*, apesar de cantarmos com lágrimas e dor!

CAPÍTULO 22

RESERVA DE VERÃO PARA AS NECESSIDADES DE INVERNO

22-1. GENERALIDADES

“O que ajunta no verão é filho ajuizado, mas o que dorme na sega é filho que envergonha.” (Provérbios 10:5)

Assim, o provérbio inspirado nos diz. Na sua forma mais simples, a referência é o recolher e o acumular alimentos nos dias de verão. Não é uma época em que a colheita está acenando nos campos, quando os frutos penduram pesado em árvores e vinhas, quando as coisas boas da terra esperam para ser recolhidas. Esse é o momento em que os homens devem ser diligentes – se querem obter reservas para as *necessidades* de seu *inverno*. Por não muito tempo espera a *oportunidade*. Mal os frutos amadurecem, eles começam a se deteriorar e cair. Mal o ouro é prospectado, ele começa a acabar. O *inverno* sucede o *verão*. Então, não há *frutos* nas árvores ou videiras, nem há *colheita* acenando nos campos. O homem com fome não pode *sair, em seguida*, para recolher alimentos, e se ele não os reuniu no *verão*, ele deverá sofrer a fome.

22-2. LIÇÕES ESPIRITUAIS DA RESERVA DE VERÃO

Mas o *princípio* tem ampla aplicação. A vida tem seus *verões* e os *invernos*: seus tempos de saúde, de abundância e de oportunidade; então seus tempos de doença ou necessidade, e nessas épocas de necessidade deve-se sobreviver do que foi armazenado nos dias de abundância. A *juventude* é um verão. É um tempo para a formação de *hábitos*, para trico-

tar os músculos e nervos do *caráter*, para a confecção de *amizades*. Mais tarde, vem a “vida real”, com os seus deveres, suas responsabilidades, suas lutas, as suas tristezas, as suas perdas. Mas aquele que reservou no *verão* da vida não sentirá falta no *inverno* da vida. Um tempo de juventude diligentemente gasto em melhoria prepara para o que vier nos anos severos, enquanto cada oportunidade *desperdiçada* na juventude é um risco para a desgraça, ou de fracasso na vida adulta.

A mesma lei se aplica na vida *espiritual*. No nosso tempo de tranquilidade e segurança, podemos *armazenar em* nossos corações os recursos aos quais vamos precisar recorrer para enfrentar a tentação. Infância e juventude em um verdadeiro lar cristão são abrigadas em grande parte contra agressões severas e conflitos amargos. A *atmosfera* é amável e agradável. As *influências* são úteis. Há o *ombro da mãe* para chorar e a *mão de um pai* para conduzir e proteger. O *altar da família* detém toda a casa perto dos pés de Deus. O pecado do mundo exterior invade até o limite, a espuma de sua maré corre contra as janelas: ainda assim, dentro das sagradas paredes, há uma vida santa, imperturbável, sem mácula, amorosa, gentil e sincera. A criança que cresce em meio a essas influências sagradas é protegida das tentações que fazem do mundo exterior um lugar perigoso para se viver. Este é o *verão da vida*.

Mas o *inverno* finalmente chega. Nenhum jovem pode viver sempre em tal abrigo. O tempo vem, mais cedo ou mais tarde, quando as crianças devem sair para enfrentar as tentações do mundo. É possível, no entanto, nos dias de sossego em casa, reunir recursos espirituais no coração para que, nos conflitos de dias posteriores, a vida seja segura.

Quando os homens constroem um grande navio para navegar sobre o mar, eles põem, ao longo de sua quilha, uma força tremenda, arcos estruturais firmes, imensas vigas e estadias, além de pesadas chapas de aço. Eles constroem o navio visando ao oceano, e o tornam forte o suficiente para suportar as tempestades mais selvagens.

Da mesma maneira, a vida humana deve ser construída em casa nos dias de juventude, não apenas para as experiências doces da casa em si, mas para atender as inflexíveis bofetadas e as provas mais severas que qualquer possível futuro pode trazer. *Princípios* devem ser fixados no coração tão firmemente de modo que nada possa desviar a vida deles. *Hábitos* devem ser forjados na conduta de modo que nada possa mudá-los. *Consciência* deve ser treinada a tal ponto de modo que ela deva fazer o seu dever no maior estresse, sem vacilar.

22-3. CONSELHOS ESPECIAIS AOS JOVENS

A *lição* é para os *jovens*. Nos brilhantes dias ensolarados, eles devem reunir em suas vidas as reservas de força moral e espiritual das quais vão

usufruir quando saírem ao encontro das ferozes tentações do mundo. A *memória* deve ser preenchida com a Palavra de Deus. Os grandes princípios essenciais do cristianismo devem ser fixados em suas mentes de modo que assaltos de ceticismo não lhes possam fazer duvidar. As leis fundamentais da *moralidade* devem ser estabelecidas em sua própria alma como leis de sua própria vida. Seus *hábitos espirituais* devem ser tão firmemente fixados de modo que levem sua fé consigo para o mundo, assim como eles conduzem seus rostos ou seus corações palpitantes. Para o navio de suas vidas, seus caracteres, eles devem acumular força enorme, de modo que nada os possa sobrepujar.

O mesmo é verdade na preparação para a *tristeza*. Não temos como prever problemas e ainda assim vivemos de modo que, quando o problema vier, estaremos preparados para isso. As *virgens prudentes* não foram deixadas em trevas, assim como suas irmãs loucas quando suas próprias lamparinas apagaram porque não havia *reserva* de óleo em seu reservatório. Se nós temos um estoque de promessas divinas e conforto escondidos em nossos corações, reunidos e armazenados durante o dia brilhante, nunca seremos deixados na *escuridão*, ainda que, de repente, a *sombra* possa cair sobre nós. Aqui vemos o benefício de memorizar as Escrituras desde a infância. As pessoas muitas vezes perguntam: “Qual é a finalidade de as crianças aprenderem textos da Escritura que elas não conseguem entender?” Esse fim vai aparecer, aos poucos.

Em um edifício novo, os operários foram observados colocando dutos de gás e fios elétricos nas paredes. Não parecia haver nenhuma utilidade nisso. Passaram-se meses antes que pudesse haver qualquer necessidade de luz ou calor. Sim, mas o tempo para colocá-los ali é agora, quando a casa está em processo de construção. Eles vão ser cobertos e escondidos atrás do reboco e da madeira. Quando a casa estiver ocupada será necessário apenas apertar um botão e as luzes elétricas vão encher as salas com luz, ou acionar um botão e a chama estará ali para aquecer ou cozinhar.

Não pode parecer inútil colocar na memória de uma criança palavras que ela não consegue entender. Elas não fazem impressão alguma no presente. Elas não dão nenhuma luz. Elas, no entanto, são firmadas para a vida; em algum dia virá tristeza. A *escuridão vai* se avolumar. Então, a partir destas palavras, vai piscar a luz doce do amor divino, despejando o brilho suave de conforto celestial sobre a noite de tristeza.

Conta-se uma comovente história de um jovem que, de forma rápida e certa, perderia a visão. Os médicos disseram que ele seria capaz de ver por mais alguns meses. Ao mesmo tempo, acompanhado por uma irmã, ele partiu para viajar a Europa, dando uma *última olhada* nas coisas lindas deste mundo, diante de seus olhos que seriam fechados para sempre. Ele

queria ter armazenadas em sua memória *fotos encantadoras* de montanhas, lagos e cachoeiras, de belos edifícios e obras de arte, de modo que, quando ele já não fosse mais capaz de ver, ele pudesse ter essas belas visões em sua alma e iluminasse sua tristeza.

Devemos andar na luz enquanto temos a luz. Devemos nos treinar para ver toda a beleza que podemos encontrar em obras e Palavra de Deus. Devemos reunir em nossas almas todo o amor, alegria e prazer que possamos nelas guardar, *enquanto pudermos*. Então, quando enfim a *noite* se instalar perto de nós, teremos *luz* interior.

No pequeno livro de Rose Porter, “Lenha de Verão para Fogo no Inverno”³³, o conselho do avô para a criança é este: “Annie, as *flores* vão desaparecer, o *sol* ficará oculto quando as negras tempestades de inverno vierem, e os *pássaros* cantores voarem para longe. Encontre algo *duradouro*. comece a recolher madeira agora, que vai aquecer o coração quando vier o inverno da vida”.

Nenhum conselho mais sábio poderia ser dado aos jovens. Deixe a luz brilhar em seus corações nos dias ensolarados: a luz do amor e da verdade do Deus vivo. Leia livros bons, saudáveis e úteis, que vão deixar pensamentos grandiosos e honrados em sua memória. Especialmente leia a Bíblia, e guarde suas palavras em sua mente. Faça coisas belas, atos de amor, de abnegação, de utilidade, coisas que são verdadeiras, honradas, justas, puras e encantadoras. Nada escurece os dias de inverno da vida como as *lembranças de atos pecaminosos*. Nada torna a vida tão doce na velhice como a memória das coisas certas e bem feitas ao longo dos anos.

Reúna sobre você, também, nos dias ensolarados, *amigos* gentis e dignos. Tenha certeza de que eles são dignos, pois amigos indignos muitas vezes trazem amargura e tristeza para os dias sombrios daqueles a quem decepcionam. Acima de tudo, reúna em sua alma a doce amizade de Jesus Cristo, e que suas palavras abençoem sua vida, preencham e enriqueçam o seu coração! Então, quando os *dias de inverno* chegarem, as memórias de todas essas coisas preciosas vão surgir e brilhar como lâmpadas suaves na escuridão. Esse *encontro* nos dias de *verão* de vida fará com que haja um *inverno* em si mesmo alegre e brilhante, mesmo com a tempestade e a escuridão do lado de fora!

³³ Referência ao livro da autora intitulado “Summer Driftwood for the Winter Fire”, publicado pela primeira vez em 1870, sem título conhecido em português (N. do T.).

CAPÍTULO 23

“RESERVAS” DE CRISTO NO ENSINO

23-1. GENERALIDADES

“A quem, pois, se ensinaria o conhecimento? E a quem se daria a entender doutrina? Ao desmamado do leite, e ao arrancado dos seios? Porque é mandamento sobre mandamento, mandamento sobre mandamento, regra sobre regra, regra sobre regra, um pouco aqui, um pouco ali”.

(Isaías 28:9-10)

“Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora”

(João 16:12)

Cristo não nos ensina mais rapidamente do que possamos receber Suas lições. Ele estava no meio do seu discurso mais confidencial com os discípulos e disse que tinha muito mais a lhes dizer, mais do que agora poderiam suportar. Todo o ensino sábio deve ser dos mais simples rudimentos até o conhecimento mais complexo. A mente não é capaz de compreender os elementos superiores até que tenha sido desenvolvida e treinada. Em seguida, a própria verdade é *progressiva* e o aluno não estará preparado para receber as lições *avançadas* até que tenha dominado os *rudimentos*.

Da mesma maneira, as *verdades espirituais* podem ser recebidas somente quando chegamos a experiências para as quais elas são adaptadas. Existem muitas das promessas divinas que nunca poderemos reivindicar, e cujas bem-aventuranças não poderemos perceber, até que cheguemos aos instantes de vida para as quais elas foram especialmente confiadas.

23-2. PALAVRAS DITAS NO TEMPO APROPRIADO

Por exemplo: “No dia da *adversidade* [Ele] me esconderá no seu pavilhão” (Salmo 27:5). Esta palavra pode não significar nada para a criança ao brincar com seus brinquedos, ou para o jovem ou a jovem andando por caminhos ensolarados, sem cuidado ou julgamento. Ela só pode ser compreendida por alguém que está em apuros. Ou tome esta palavra: “A minha graça te basta” (2 Coríntios 12:9). Ela foi dada como resposta a uma oração para que fosse afastado um julgamento implacável. Isso significava força divina para compensar a fraqueza humana, e ela não pode ser recebida até que haja um senso de necessidade.

Cristo está ao lado de um feliz jovem cristão e diz: “Eu tenho uma palavra preciosa para dar a você, algo que brilha com a beleza do amor divino, mas você não pode suportá-la ainda.” O discípulo se move ao longo do caminho ensolarado da vida, e aos poucos se aproxima das sombras de tristeza ou angústia. Mais uma vez Jesus está ao seu lado e diz: “Agora eu posso dar-lhe a palavra que eu havia retido antes: ‘A minha graça te basta’”. *Então*, a promessa irradia luz e amor.

Há uma grande parte da Bíblia que pode ser recebida por nós apenas quando chegamos aos lugares em que as palavras foram dadas. Há promessas de *fraqueza* que nunca podemos obter enquanto formos fortes. Existem palavras para momentos de *perigo* que nunca poderemos conhecer enquanto não precisarmos de proteção. Há consolações para a *doença*, cujo conforto pode nunca chegar enquanto estivermos com uma saúde robusta. Há promessas para os momentos de *solidão*, quando os homens andam de modo solitário, que nunca poderão vir com um significado real para nós, enquanto companheiros amorosos estiverem ao nosso lado. Existem palavras para a *velhice* as quais nunca poderemos apropriar para nós mesmos ao longo dos anos de juventude, enquanto o braço for forte, o sangue quente e o coração valente.

Deus não pode nos mostrar as *estrelas* enquanto o *sol* brilha no céu, e ele não pode nos dar a conhecer as coisas preciosas do amor que Ele tem preparado para as nossas *noites* enquanto é *dia* ainda sobre nós. Cristo nos diz em seguida: “Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora.” Nós não poderíamos entendê-las agora, mas, aos poucos, quando chegamos a lugares de necessidade, de tristeza, de fraqueza, de falha humana, da solidão, da doença, da velhice, *então* Ele nos dirá estas *outras coisas*, e eles serão repletas de alegria para nossos corações. Quando a *noite* vier, Ele vai nos mostrar as *estrelas*!

Os cristãos mais velhos entendem isso. Há muitas coisas na Bíblia que tinham pouco significado para eles em dias anteriores da vida, mas que, uma após outra, têm se mostrado brilhantes e belas ao longo dos

anos, como as estrelas que surgem no céu à noite quando o sol dele desaparece. Mesmo na infância, as *palavras* foram ditas repetidas vezes, mas elas foram repetidas sem pensar, porque não tinha havido nenhuma *experiência* e preparo do coração para recebê-las. Então um dia, introduziu-se uma *sombra escura* sobre a vida, e na sombra, as palavras conhecidas de longa data começaram, pela primeira vez, a ter um significado. Outras experiências de cuidado, julgamento e perda se seguiram, e as preciosas palavras tornaram-se cada vez mais reais. Agora, na velhice, conforme os textos sagrados são repetidos, elas são a vara e o cajado para o espírito confiante e trêmulo.

Assim como a vida continua, o *significado* das palavras de Cristo fica cada vez mais claro até que sua repetição pelo filho negligente torna-se o enunciado dos fiéis e a confiança de alma do homem forte.

Nós não podemos ter agora a revelação de nosso próprio futuro. Deus sabe de tudo. Quando um jovem cristão vem a Seus pés e diz: “Mestre, aonde quer que fores, eu te seguirei” (Mateus 8:19), o Mestre sabe o que significa essa promessa, mas Ele não revela o conhecimento para Seu alegre discípulo. As pessoas às vezes dizem que gostariam de poder olhar para os próximos anos e ver tudo o que lhes sucederá. Mas isso seria uma bênção? Será que isso lhes tornaria mais felizes? Elas poderiam moldar o seu curso melhor se soubessem de tudo o que deve lhes acontecer, as lutas, as vitórias, as derrotas, as alegrias e tristezas, as faixas de brilhantes esperanças, quanto tempo vão viver?

Certamente é melhor que *não devemos* conhecer o nosso futuro. Assim, a palavra do Mestre é continuamente: “Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora.” Só à medida que avançamos, passo a passo, é que Ele nos revela a Sua vontade e plano para nossas vidas. Assim, as *alegrias* da vida não se derramam porque nossos corações não foram humilhados para recebê-las. As *tristezas* não nos oprimem porque cada um traz seu próprio conforto especial consigo. Se, entretanto, tivéssemos sabido por antecipação das *alegrias* e prosperidades *futuras*, a exultação poderia nos ter feito negligentes do dever e excessivamente autoconfiantes, perdendo, assim a bênção que somente viria pela fé simples e confiante. Se soubéssemos das *lutas* e *provações* diante de nós, poderíamos ter nos abatido, falhando, assim, na coragem de seguir em frente. Em ambos os casos, não teríamos suportado a revelação, e foi com ternura e bondade para conosco que o Mestre as reteve.

Nós não poderíamos suportar as muitas coisas que Cristo tem a nos dizer sobre o *céu* e, portanto, Ele não as disse para nós. A bem-aventurança, se divulgada, agora iria deslumbrar e cegar os nossos olhos! A luz deve ser deixada sobre nós, de pouco em pouco, a fim de não nos prejudicar. Então, se o céu estiver dentro da nossa visão, conforme nós

trabalhamos, lutamos e sofremos aqui, a felicidade, que tanto nos excita, seria imprópria para o dever!

Certo viajante contou do seu retorno para a França depois de uma longa viagem para a Índia. Imediatamente após os marinheiros darem de costas à sua própria terra, eles se tornaram incapazes de atender às suas funções a bordo do navio. Quando chegaram ao porto e viram seus amigos nas docas, a excitação era tão intensa que outro grupo teve de lhes substituir. Não seria assim conosco se o céu fosse visível a partir da Terra? *Sua bem-aventurança* nos privaria de nossos deveres! A visão de seus esplendores seria tão maravilhosa e entraria em nós, que nos cansaríamos da vida dolorosa da terra. Se pudéssemos ver os nossos entes queridos na terra de Deus, não nos contentaríamos em ficar aqui para terminar o nosso trabalho! Certamente é melhor que *mais* não nos seja revelado. A glória *velada* não nos pode deslumbrar: ainda assim a fé percebe isso e é sustentada pela preciosa esperança em suas lutas durante a *noite da vida terrena* até que, finalmente, a manhã irrompe.

Esta é a grande *lei da revelação divina*. Nós a aprendemos do ensino de Cristo, tão rápido quanto somos capazes de suportar. Assim, podemos esperar com fé paciente quando os *mistérios* nos confrontarem, ou quando as *sombras escuras* se encontrarem em nosso caminho, confiantes de que Aquele que conhece tudo tem, no amor suave, retido de nós pelo tempo, a revelação que almejamos, porque nós ainda não podemos suportar o conhecimento!

CAPÍTULO 24

EM TEMPOS DE SOLIDÃO

24-1. GENERALIDADES

*“e eis que eu estou convosco todos os dias,
até a consumação dos séculos” (Mateus 28:20)*

A solidão é uma das mais patéticas experiências humanas. *Anseio por companhia* é um dos mais profundos de todos os anseios. A religião de Cristo tem algo para satisfazer todas as necessidades humanas: qual é a sua bênção para a solidão? Podemos nos voltar à própria vida do Mestre para uma resposta à nossa pergunta. Ele conheceu todas as experiências que já se tornaram as nossas, e encontrou para Si o melhor que havia a ser achado no *amor divino* para atender às Suas experiências. Assim Ele nos mostrou o que podemos encontrar em nossos momentos de necessidade, e como podemos encontrar essas coisas.

24-2. A AMIZADE QUE REALMENTE SATISFAZ

A solidão de Cristo foi um dos elementos mais amargos de sua tristeza terrena. Sua própria *grandeza de caráter* tornou impossível para ele ter qualquer companhia real neste mundo. Além disso, aqueles que Ele veio para abençoar e salvar O rejeitaram. O único alívio para sua solidão humana ao longo dos anos do seu ministério público foi no amor de Seus amigos escolhidos e este foi plenamente insatisfatório. Nós sabemos, no entanto, aonde Ele sempre voltava para consolo e conforto em suas experiências. Depois de um dia de dor e sofrimento, Ele subiria a montanha e

passaria a noite em comunhão com o Pai, retornando pela manhã renovado e forte para mais um dia de uma doce vida e serviço. Em sua hora mais sombria, Ele disse que, embora deixada sozinha a companhia humana, Ele não estava sozinho, pois *Seu Pai estava com Ele*.

O conforto do coração de nosso Senhor, em Sua solidão, é para nós, também, se estivermos andando em Seus passos. Nós também temos nossas experiências de solidão neste mundo, e nós, também, podemos ter a companhia abençoada que deverá preencher o vazio. Em certo sentido, toda a vida é solitária. Mesmo com todos os simpáticos companheiros perto de nós, há uma *vida interior* em que cada um de nós vive *completamente sozinho*. Temos que fazer nossas próprias *escolhas* e decisões. Devemos atender às nossas próprias *perguntas* e respondê-las nós mesmos. Devemos lutar nossas próprias *batalhas*, suportar as nossas próprias *dores*, carregar os nossos próprios *fardos*. A amizade pode ser muito íntima e terna, mas há um santuário em cada vida no qual até mesmo a mais sagrada amizade não pode entrar. Bem-aventurados os que nesta *solidão* podem dizer: “Mas eu não estou só, porque o Pai está comigo!”

Deus é a *única* amizade que realmente pode satisfazer todas as necessidades e desejos profundos da nossa alma. A companhia *humana* nos ajuda em alguns pontos, mas a amizade divina tem a sua bênção para cada experiência. Nós nunca devemos ser deixados sozinhos quando temos Cristo. Quando outros colaboradores falham e fogem de nos confortar, Ele sempre estará junto de nós. Quando outros rostos desaparecerem de vista, o Seu vai brilhar com amor suave, derramando Sua luz sobre nós.

24-3. O JOVEM E A SOLIDÃO

Há experiências especiais de solidão em cada vida, para o que Cristo é necessário. A **juventude** é um desses momentos. O jovem parece feliz e alegre: companheiros fazem um enxame ao redor dele; mas muitas vezes o jovem se sente solitário mesmo em meio a tais circunstâncias e amizades. Tudo na vida é novo para ele. Tal como sua alma desperta, mil perguntas surgem exigindo respostas. Ele está em um mundo com *milhares de caminhos*, e deve escolher em qual deles ele vai andar. Tudo é misterioso. Há *perigos* à espreita em todos os lados. *Escolhas* devem ser feitas. *Lições* devem ser aprendidas. Tudo é novo, e a cada passo a voz é ouvida: “Vocês não passaram por este caminho antes” (Josué 3:4). Esta solidão da inexperiência, quando uma alma jovem está dando seus primeiros passos na vida, é um dos sentimentos mais difíceis e dolorosos de todos os anos. Se Cristo não é o seu companheiro, então, quão solitário e perigoso, na verdade, é o caminho! Mas se Ele caminhar ao lado da jovem alma em sua inexperiência, tudo estará bem.

24-4. A SOLIDÃO DA FALTA DE UM LAR

Há aqueles que estão sozinhos por estarem sem um lar. É impossível estimar abundantemente o valor e a utilidade de um verdadeiro lar de amor. A casa é um *abrigo*. Vidas jovens se *aninham* lá e encontram calor e proteção. Há também *orientação* em um verdadeiro lar cristão: muitas das questões mais difíceis da vida são respondidas por uma mãe ou pai sábios. Bem-aventurado é aquele rapaz ou moça que traz todas as perplexidades, cada mistério, cada dúvida ou medo e fome ao lar, para a santidade do santuário de amor, e que lá consegue simpatia, conselho paciente e verdadeira orientação.

O lar tem também em si a companhia abençoada. É o único lugar onde temos certeza absoluta de um em relação ao outro, e não precisamos estar em *prontidão*. A juventude tem os seus *desejos* indizíveis, seus *anseios*, seus desejos profundos de *ternura*: no verdadeiro lar eles todos são encontrados. Aqueles que têm um lar não percebem nem a metade de seu valor para eles mesmos. É a *sombra das asas de Cristo* sobre as suas vidas, a própria fenda da rocha, o próprio *seio do amor divino!* A solidão da vida significa muito menos para eles, enquanto em casa os protege e abençoa com sua companhia e seu amor paciente, sábio, útil e nutritivo.

Mas às vezes a casa é empurrada para baixo sobre a juventude, e sua *proteção* quebrada. Poucas coisas são mais tristes do que a *falta de moradia*. A solidão começa a ser realmente sentida quando a casa se foi, quando não há mais uma *mãe* sábia e amorosa para dar-lhe conselhos em sua inexperiência, para colocar a mão na sua cabeça na bênção, para ouvir as suas perguntas e respondê-las; para conter o seu espírito impetuoso, para acalmar quando você está perturbado e quando a sua paz é interrompida, para conduzi-lo por caminhos perplexos, para encher o seu coração faminto com o conforto do amor quando você anseia por simpatia e companheirismo. É realmente dolorosa a sensação de solidão quando um jovem, acostumado com tudo o que significa o amor de mãe, se afasta do *túmulo de uma mãe* para mais tarde perder as muitas bênçãos do passado. Nada na terra, em qualquer medida plena, vai compensar a perda. Outras amizades humanas podem ser muito preciosas, mas eles não vão trazer o *lar* de volta com o seu abrigo, seu carinho, sua confiança, sua orientação, seu calmante e sua segurança.

Bem-aventurado é, no entanto, aquele que em sua vida terrena de sem-teto pode dizer: "Ainda assim não estou sozinho, porque *Cristo* está comigo!" Bem-aventurada aquela solidão dos sem-teto que tem *Cristo* para preencher o vazio. Com o Cristo invisível, mas amado e que tornou real para o coração o amor e a fé, até mesmo um quarto em uma pensão pode tornar-se uma casa, um santuário de paz, *um paraíso de amor divino!*

24-5. A SOLIDÃO DA VELHICE

Outro momento de solidão especial é quando a *tristeza* retira as amizades da vida. A *velhice* é uma ilustração: as pessoas mais velhas são muitas vezes muito solitárias, uma vez que elas eram o centro das atenções de grupos de amigos e companheiros que orbitavam ao redor delas. Mas os *anos* trouxeram suas alterações: agora o velho homem está sozinho. Ainda assim as ruas estão cheias, mas onde estão os rostos de quarenta ou de cinquenta anos atrás? Há uma memória de cadeiras vagas, de altares de casamentos com os desenlaces e separações que se sucedem. Os velhos rostos sumiram. É a vida de jovem que agora enche a casa, as ruas, a igreja; as pessoas idosas são solitárias porque seus velhos amigos se foram.

No entanto, o *cristão idoso* certamente pode dizer: “Eu não estou sozinho!” Não há mudanças na vida que possam levar Jesus embora. Ele é o companheiro da fraqueza da vida. Ele ama seus idosos. Há uma promessa especial para eles: “E até à *velhice* eu serei o mesmo, e ainda até às cãs eu vos *carregarei*; eu vos *fiz*, e eu vos *levarei*, e eu vos *trarei*, e vos *livrarei*” (Isaías 46:4). Para o cristão, a *velhice* está muito perto da *glória*. Não vai demorar muito até que o cristão idoso chegue ao *lar* para ficar novamente no meio do círculo de entes queridos e santos que abençoaram sua juventude e seus primeiros anos.

24-6. A SOLIDÃO DA PERDA DE UM AMIGO

Mas não são apenas os *idosos* são deixados sós por mudanças da vida. As dores afetam *todas as idades*, e se não se tem Cristo, quando outros amigos são tomados, seremos entregues à desolação de fato. Bem-aventurada aquela vida que, quando os amigos humanos são levados, descobre a amizade de Cristo que a tudo preenche, a tudo satisfaz, e que pode dizer: “Mas eu não estou sozinho, pois Cristo está comigo!”.

24-7. A SOLIDÃO DA MORTE

A mais solitária de todas as experiências humanas é a da *morte*. Não podemos morrer em grupos, nem mesmo de dois a dois: devemos morrer sozinhos. As mãos humanas devem desapegar das nossas conforme entramos no vale das sombras. Os rostos humanos devem desaparecer da nossa visão conforme passamos às brumas. “Eu não posso vê-lo!” disse aquele que estava morrendo, enquanto os entes queridos estavam ao redor de sua cama. Assim será com cada um de nós, por seu turno. O amor *humano* não pode ir além da borda do vale. Mas não precisamos ficar sozinhos, mesmo em que na mais profunda de toda a solidão, pois, se somos de Cristo, podemos dizer: “Mas eu não estou sozinho, pois meu Salvador está comigo!”.

Quando a mão *humana* se desapega, Suas mãos *divinas* vão apertar as nossas mais firmemente. Quando os rostos humanos amados desaparecem, Seu lindo rosto vai brilhar diante de nós com todo o seu brilho glorioso. Quando for preciso rastejar para fora do seio da afeição humana, será apenas para o fecho dos braços eternos, no seio de Cristo! A solidão da morte será, assim, cheia de companheirismo divino.

24-8. CURA PARA A SOLIDÃO

A conclusão de tudo isso é a nossa *necessidade absoluta* da amizade e do companheirismo de Cristo, sem a qual só podemos afundar muito na solidão da vida e perecer eternamente! Uma das razões, sem dúvida, por que nossas vidas são tão cheias das experiências de necessidade, é que nós podemos aprender a andar com Cristo. Se as companhias humanas da Terra nos deixassem satisfeitas, e se nunca as perdêssemos, não nos importariamos com a amizade de Cristo. Se os lares na Terra fossem perfeitos, e se eles nunca se desintegrassem, não poderíamos crescer em saudade para com o *céu!*

CAPÍTULO 25

NOS BRAÇOS ETERNOS

25-1. GENERALIDADES

“O Deus eterno é a tua habitação, e por baixo estão os braços eternos”
(Deuteronômio 33:27)

Há *dois lados* para uma vida cristã.

Um deles é o lado *ativo*. Somos instados à fidelidade em todo o dever, à atividade em todos os serviços, para a vitória em toda a luta, para desenvolver a nossa própria salvação com temor e tremor.

Mas há outro lado. Devemos confiar; ter tranquilidade e confiança para repousar em Deus. É assim que, por vezes, pensamos no último aspecto da nossa fé cristã. Isso é bem apresentado para nós em um versículo da Bíblia que diz: “Por baixo estão os braços eternos”.

A imagem sugerida é a de uma criança pequena, deitada nos braços fortes de um pai que é capaz de resistir a todas as tempestades e perigos. Pensamos em João reclinado sobre o peito de Cristo. Nos dois extremos da vida, *infância* e *velhice*, a promessa vem com garantia especial. “Ele recolherá os *cordeirinhos* em seus braços, e os levará no seu regaço” (Isaías 40:11) é uma palavra para as crianças. “E até à *velhice* eu serei o mesmo, e ainda até às cãs eu vos *carregarei*; eu vos *fiz*, e eu vos *levarei*, e eu vos *trarei*, e vos *livrarei!*” (Isaías 46:4) traz o seu conforto abençoado para os idosos. Deus vem a nós pela primeira vez em nossa infância por meio de nossas mães, que nos carregam em seus braços. No entanto, elas são apenas revelações obscuras de Deus por certo tempo. Eles nos deixam

depois de ter nos ensinado um pouco de ternura de Deus, mas o próprio Deus permanece quando elas se forem, e Seus braços nunca se fecham!

25-2. A AÇÃO DE DEUS DESCRITA EM LINGUAGEM HUMANA

O pensamento de *braços abraçando de Deus* é muito sugestivo. O que um *braço* representa? Que pensamento se sugere pelo *braço de Deus envolto em torno de seu filho*? A linguagem é humana. As Escrituras falam continuamente de Deus desta maneira. Dizem-nos dos seus *olhos* olhando para baixo a fim de contemplar o Seu povo, que Ele nunca dormita nem dorme, o que significa que o seu cuidado atento nunca se interrompe. Dizem-nos que Ele *ouve* os gritos de terra, e *ouve* o suspiro dos oprimidos, e os gemidos do prisioneiro em seu cárcere, o que significa que Ele ouve os nossos gritos de angústia. Elas falam de Seu *enxugar de lágrimas*, como uma mãe que seca as lágrimas de uma criança, o que significa que Ele consola o seu povo em sua tristeza. Elas O representam como que *nos segurando pela mão direita*, como um pai segura a mão de sua criança em sua própria, quando ela anda em lugares perigosos, o que significa que sua orientação é pessoal e forte.

Tudo isso, e como declarações em *linguagem humana* do que Deus faz por seu povo, são os esforços para nos explicar por meio de atos humanos com os quais estamos familiarizados o Seu maravilhoso cuidado e bondade. Assim, a figura do *braço* aplicada a Deus deve ser interpretada como o que isso significaria na amizade humana.

25-3. SENTIDOS DA AÇÃO DE DEUS

Um sentido é **proteção**. Um pai coloca os braços sobre seu filho quando ele está em *perigo*. Deus protege seus filhos: “Com o teu *braço forte* resgataste o teu povo” (Salmos 77:15/NVI); “sê tu o *nosso braço* cada manhã, como também a nossa salvação no tempo da tribulação” (Isaías 33:2); “o seu próprio braço lhe trouxe a salvação” (Isaías 59:16).

A vida é cheia de *perigo*. Há *tentações* em cada parte! *Inimigos* espreitam em cada sombra – inimigos fortes e rápidos! Muitas pessoas pensam na *morte* com medo, temendo encontrá-la, mas a *vida* tem muito mais perigos do que a morte! É fácil e seguro morrer quando se viveu uma vida santa, mas é difícil para se viver. Estamos certos, no entanto, de que a “vida” não pode nos separar do amor de Deus. “Por baixo estão os braços eternos!”

Outro sentido é **afeição**. O braço do pai desenhado em torno de uma criança é um gesto de *amor*. A criança é mantida no seio do pai, perto de seu coração. O pastor carrega os *cordeiros* no seu seio. João estava so-

bre o peito de Jesus. A mãe segura a criança em seu seio porque ela adora isso. A imagem de Deus, abraçando seus filhos com Seus braços, fala de seu amor por eles. Seu amor é terno, próximo, íntimo. Ele os sustenta em posição de *afeto*.

É em especial no caso de perigo ou sofrimento que a mãe abraça a criança de tal modo. Ela o ergue quando ela cai e se machuca, e o conforta, segurando-a nos braços, e pressionando-a contra o peito. “Como alguém a quem consola sua mãe, assim eu vos consolarei” (Isaías 66:13) é uma palavra divina. A mãe disse que sua pequena adoentada mal tinha saído de seus braços por três dias e três noites. Segurá-la nos braços é um privilégio peculiar de amor para os momentos de dor e sofrimento. Isso conta, portanto, da ternura de nosso Pai celestial para com os Seus quando eles estão em perigo.

Outra ideia sugerida por braço é **força**. O braço é um símbolo de força. Um braço da mãe pode ser frágil fisicamente, mas o amor faz com que ele seja forte. Quando é colocado sobre uma criança frágil, todo o poder do universo não pode levar a criança embora. Sabemos o que significa, na amizade humana, ter alguém sobre cujo braço podemos nos apoiar com confiança. Há algumas pessoas cuja mera presença parece nos dar uma sensação de segurança. Nós acreditamos nelas. Em sua paz tranquila, há uma força que se transmite a todos os que se voltam a eles. Todo verdadeiro amigo humano é mais ou menos uma força para nós; no entanto, a mais segura e mais forte dentre as forças humanas nada é além de um fragmento da força divina. Seu braço é a onipotência. “O Senhor Deus é *uma rocha eterna*” (Isaías 26:4). Seu braço nunca poderá ser dividido. Para fora desse fecho nunca poderemos ser tomados. “E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão” (João 10:28).

Outra sugestão é **a resistência**. Os braços de Deus são “eternos”. Braços humanos se cansam até mesmo no abraço de amor, não pode pressionar para sempre a criança ao peito: logo jazem dobrados em morte. Um marido estava junto ao caixão de sua amada esposa, depois de apenas um curto ano de felicidade conjugal. O fecho desse amor foi muito doce, mas quão breve tempo durou, e quão desolada a vida que tinha perdido a companhia preciosa! Um pequeno bebê com duas semanas de idade ficou órfão de mãe. A mãe apertou a criança contra o peito e pôs os braços fracos sobre ela em um abraço amoroso: o pequeno nunca mais vai ter o braço da mãe em torno dele. Tão *patética* é a vida humana com suas afeições quebradas, seus pequenos momentos de amor, seus abraços que são arrancados em uma hora. Estes, porém, não são os eternos braços de Deus: estes nunca devem se fechar!

Há outra importante sugestão na palavra “baixo”. Não só os braços de Deus *abraçam* Seus filhos, mas eles estão *por baixo* – *sempre* por baixo. Isso significa *que* nunca *podemos* afundar, pois esses braços nunca vão sair de baixo de nós, onde quer que nos encontremos. Às vezes dizemos que as *águas dos problemas* são muito profundas, como grandes inundações que nos sobrevêm. Mas ainda e sempre, debaixo das nossas mais profundas inundações, estão esses braços eternos. Não podemos afundar para baixo deles ou para fora de seu fecho!

E quando *a morte* vem, e todas as coisas terrenas desaparecem por debaixo de nós, e afundamos para longe no que parece escuridão, fora de todo o amor humano, de carinho, alegria e vida, na escuridão e estranho mistério da morte, ainda que seja apenas assim, ficaremos aos braços eternos!

Quando *Jesus* estava para morrer, Ele disse: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lucas 23:46). Ele encontrou os braços eternos debaixo de Si quando Seu espírito deixou o corpo dilacerado. *Estevão* morreu, orando: “Senhor Jesus, recebe o meu espírito” (Atos 7:59). Para um crente, morrer é simplesmente assoprar a vida ao abraço de Deus. Vamos encontrar os braços divinos debaixo de nós. A morte não pode nos separar do amor de Deus.

Este ponto de vista do cuidado divino é cheio de inspiração e conforto. Nós não estamos salvando a nós mesmos. O forte, o poderoso Deus, nos mantém em Seu abraço onipotente! Não somos arrancados como uma tábua na vida selvagem do mar, conduzida à mercê do vento e das ondas. Estamos em manutenção divina. Nossa segurança não depende de nossa própria fé fraca e vacilante, mas do amor onipotente e da fidelidade do Deus imutável e eterno! Nunca podemos afundar diante de qualquer inundações. Nenhum poder no universo pode nos arrebatá-lo de Suas mãos. Nem a morte, nem a vida, nem o presente, nem o porvir, poderão nos separar do Seu amor³⁴!

³⁴ Referência a Romanos 8:39 (N. do T.).

CAPÍTULO 26

EU SOU O ÚNICO QUE SOBROU!

26-1. GENERALIDADES

“[Elias] respondeu: ‘Tenho sido muito zeloso pelo Senhor, Deus dos Exércitos. Os israelitas rejeitaram a tua aliança, quebraram os teus altares, e mataram os teus profetas à espada. Sou o único que sobrou, e agora também estão procurando matar-me.’”

(1 Reis 19:10/NVI)

Elias, em determinada grande crise, achava que ele era o único que restou para representar Deus. Havia outros, mas ele não sabia da existência deles. Ele era realmente o único no *campo* por causa de Deus. Ele ficou sozinho: um homem contra o *rei mau*, os *falsos sacerdotes*, e o *povo pecador*. Este foi um esplêndido heroísmo.

Há momentos nas vidas de todos os cristãos quando eles devem ficar sozinhos por causa de Deus, sem companheirismo, talvez sem simpatia ou encorajamento. Eis uma pessoa jovem, o único de sua família que confessou a Cristo. Ele O toma como seu Salvador e, em seguida, ergue-se diante do mundo, promete ser Seu e segui-Lo. Ele volta para sua casa. Os membros de seu círculo familiar são muito caros a ele, mas nenhum deles é cristão; assim, ele deverá ficar sozinho por Cristo, dentre eles. Talvez eles se *oponham* a ele quando este seguir a Cristo. Em graus variados, isso muitas vezes é a experiência real. Talvez eles estejam apenas *indiferentes*, sem fazer oposição, só assistindo calmamente à sua vida, para ver se ele é consistente. Em qualquer caso, no entanto, ele deverá ficar sozinho por Cristo, sem a ajuda que vem do companheirismo.

Pode ser tanto no *trabalho* quanto na *escola* que o jovem cristão deva ficar sozinho. Ele volta da mesa do Senhor aos seus deveres durante a semana, cheio de nobres impulsos, mas encontra-se como o único cristão. Seus companheiros estão prontos para zombar e apontar o *dedo de desprezo* para ele, com epítetos irritantes, ou até mesmo o perseguir de maneiras mesquinhas. Pelo menos, eles não são amigos de Cristo, e ele, como um seguidor do Mestre, não encontra simpatia entre eles em sua nova vida. Ele deve ficar sozinho em seu discipulado, consciente durante todo o tempo de que *os olhos* são *hostis* a ele. Muitos, seja um cristão mais jovem ou mais velho, acham muito difícil ser o único a representar Cristo no lugar de seu trabalho diário.

26-2. SOLIDÃO E RESPONSABILIDADE

Esta solidão coloca em cima de uma grande responsabilidade. Talvez você seja o único cristão em sua *casa*. Você é a única testemunha de Cristo tem em sua casa, o único pelo qual Ele pode revelar o Seu amor, Sua graça, Sua santidade. Você é o único a representar a Cristo em sua família, para mostrar-lhes a beleza de Cristo, a doçura e a suavidade de Cristo, para fazer lá as obras de Cristo, as coisas que Ele faria se ele morasse em sua casa. Se você vacilar na sua lealdade, se você falhar em seu dever, seus entes queridos podem ser perdidos: a culpa será sua e o sangue deles será sobre você³⁵.

Da mesma forma, se você é o único cristão na loja, na venda ou no escritório onde você trabalha, uma responsabilidade peculiar depende de você, uma responsabilidade que nenhum outro compartilhará contigo. Você é a única testemunha de Cristo no lugar em que está. Se você não testemunhar lá por causa Dele, não haverá outra pessoa que o fará.

A Srta. Havergal fala de sua experiência numa escola para moças em Düsseldorf³⁶. Lá ela ingressou logo depois de ter-se tornado cristã e confesado a Cristo. Seu coração estava muito ardente de amor por seu Salvador, e ela estava ansiosa para falar Dele. Para sua surpresa, no entanto, ela logo percebeu que, dentre as centenas de meninas na escola, ela era a *única* cristã. Sua primeira sensação foi a de espanto: ela não poderia confessar a Cristo nesta grande companhia de companheiras ímpias e mundanas. Seu suave e sensível coração encolheu ante um dever tão difícil. Seu segundo pensamento, no entanto, era que ela não poderia deixar de confessar Cristo. “Eu sou a única que ele tem aqui!” disse ela. E esse pensamento se

³⁵ Referência a Ezequiel 3:20; 33:8 (N. do T.).

³⁶ Referência a Frances Ridley Havergal (1836-1879), poetisa inglesa e compositora de hinos cristãos. Conforme sua biografia, esse episódio ocorreu por volta de 1852 (N. do T.).

tornou uma grande fonte de força e inspiração para ela. Ela percebeu que tinha uma *missão* naquela escola: ser nela uma testemunha de Cristo, sua única testemunha, e que ela não se atreveria a falhar.

Este mesmo sentido de responsabilidade recai sobre todos os amáveis cristãos chamados a ser as únicas testemunhas de Cristo em certo lugar, casa, comunidade, venda, escola, loja, ou círculo social. Lá ele é apenas um servo de Cristo, e ele não ousa ser infiel. Ele é uma luz destinada a brilhar ali para seu Mestre, e se a sua luz está escondida, então a escuridão ficará em liberdade. Portanto, há inspiração especial nessa consciência de *ser a única* que Cristo tem em determinado lugar.

Há um sentido em que isso também é verdade para cada um de nós, o tempo todo. Somos sempre os únicos que Cristo tem no local específico em que estamos. Pode haver milhares de outras vidas diante de nós. Podemos ser apenas um numa grande empresa, numa grande congregação, numa comunidade populosa. No entanto, cada um de nós tem uma *vida* que está *sozinha* em sua responsabilidade, em seu perigo, na sua missão e no seu dever. Pode haver uma centena de outras pessoas próximas ao meu lado, mas nenhuma delas pode tomar *o meu* lugar, ou fazer *o meu* dever, ou cumprir *a minha* missão, ou suportar *minha* responsabilidade. Apesar de cada um dos outros cem fazer o seu trabalho e de fazê-lo perfeitamente, *o meu* trabalho me espera: se eu não o fizer, ele nunca será feito.

26-3. A RESPONSABILIDADE É PESSOAL E INTRANSFERÍVEL

Podemos entender como isso se *Elias* tivesse falhado com Deus no dia em que ele foi o único que Deus tinha para estar diante Dele, as consequências teriam sido desastrosas e a causa de Deus teria sofrido dano irreparável. Estamos certos, no entanto, de que a calamidade para o reino de Cristo seria menor se um de *nós* falhasse com Deus em nosso humilde lugar, num dia qualquer?

Contam-se histórias de uma criança ter encontrado um pequeno vazamento no dique que separa o mar da *Holanda*, e o interrompeu com sua mão até que a ajuda pudesse chegar – ele ficou lá a noite toda, segurando as inundações com sua pequena mão. Foi apenas um pequeno vazamento escorrendo que se conteve, mas se ele não tivesse feito isso, ela logo se tornaria uma torrente e, antes de amanhecer, o mar teria varrido toda a terra, submergindo campos, casas e cidades. Entre o mar e toda essa devastação nada houve além da mão de um menino. Se a criança não conseguisse, as inundações teriam vindo com sua ruína sem remorsos! Nós entendemos o quão importante era que o menino fosse *fiel* a seu dever, uma vez que ele era o único que Deus tinha naquela noite para salvar a Holanda.

Mas como você sabe que a sua vida pode ser um dia tudo o que fica entre a *grande enchente da decadência moral* e os campos largos e formosos da beleza? Como você sabe que o seu fracasso, em seu lugar humilde e reto, pode se converter em um *mar de desastre* que deve varrer as esperanças e alegrias e, possivelmente, almas humanas? O mais humilde de nós não ousaria falhar, pois a *nossa vida* é tudo o que Deus tem no lugar onde estamos.

Esta verdade da *responsabilidade pessoal* é algo de tremenda importância. Nós não fugimos dela por sermos um no meio da multidão, de familiares ou de uma congregação. Ninguém, além de nós mesmos, pode viver nossas vidas, fazer o nosso trabalho, cumprir nossa obrigação, levar os nossos fardos. Ninguém, além de nós mesmos, pode, enfim, ficar por nós diante de Deus, para prestar contas de nossos atos. No mais profundo e verdadeiro sentido, *cada um de nós vive sozinho!*

Há outra fase desta lição: *somos responsáveis apenas por nossa própria vida e dever*. O profeta pensou que seu trabalho tinha falhado, porque a derrubada do baalismo parecia incompleta, mas Deus o confortou, dizendo-lhe de outros três homens que viriam – cada um em seu tempo – e fariam cada um a sua parte do trabalho de destruir o baalismo. O trabalho de Elias não tinha falhado: ele era apenas um *fragmento* de toda a obra.

26-4. NOSSO MELHOR TRABALHO É APENAS UM FRAGMENTO

O melhor trabalho de cada um de nós faz neste mundo é apenas um *fragmento*. Todos nós adentramos na obra de cada um, e os outros, por sua vez, adentram nas nossas e a terminam ou continuam, até a conclusão daquilo que começamos. Nosso dever é simplesmente *fazer bem a nossa pequena parte*. Se fizermos isso, nunca precisaremos se preocupar com a parte que *não podemos* fazer, a qual pertence a outro trabalhador, que vem depois de nós, e não para nós, de forma alguma.

Assim, enquanto estamos sozinhos em nossa *responsabilidade*, não precisamos ter qualquer tipo de preocupação exceto com a nossa obrigação, com o nosso próprio pequeno fragmento da obra do Senhor. Aquilo que *nós* não podemos fazer outro alguém está esperando e se preparando agora para tanto, depois que o trabalho passar de nós. Há conforto no presente para qualquer um que falhar em seus esforços, e deixar tarefas inacabadas que esperavam para ser concluídas. O *acabamento* é a missão de outra pessoa.

CAPÍTULO 27

NO TEMPO PRÓPRIO COLHEREMOS

27-1. GENERALIDADES

“E não nos cansemos de fazer o bem, *pois* no tempo próprio colheremos, *se não desanimarmos.*”
(Gálatas 6:9/NVI)

Às vezes somos inclinados a desanimar em nossa *vida e trabalho* cristãos. Nós perguntamos: “Será que vale a pena ser santo e guardar os mandamentos de Deus? Que proveito há na piedade? Vale a pena negar a nós mesmos, a fim de fazer o bem para os outros, para atendê-los? Que vem de tudo isso?”

Muitos de nós estamos aptos a ficar de mau humor quando essas questões nos pressionam com doloroso estresse. É assim que olhamos para o assunto, para que possamos ter certeza de que vale a pena fazer o bem, de que há lucro nisso.

27-2. QUE SIGNIFICA “FAZER O BEM”?

Há, aqui, uma palavra inspirada que diz: “E não nos cansemos de *fazer o bem*, pois no tempo próprio colheremos, se não desanimarmos.” O que se entende por “fazer o bem”? É agir corretamente, obedecer aos mandamentos de Deus, moldar nossas vidas diante do padrão revelado por Ele em Sua Palavra. Não é *fácil* fazer o bem. Custam-nos muitas batalhas. A vida de fazer o bem implica numa contínua crucificação do *EGO*.

Más inclinações devem ser contidas. *Desejos pecaminosos* devem ser controlados. A *vontade* deve ser cedida à vontade de Deus. A *vida inteira* deve ser posta em sujeição a uma lei que é espiritual e celestial.

“Será que vale a pena?”, eis a questão. Há muitas pessoas que não colocam suas vidas sob esta *lei de Deus*, que nos coloca nos caminhos da *autoindulgência*. Elas não colocam freio em suas *más inclinações*. Elas não permitem que algum mandamento divino interfira no exercício dos seus próprios *desejos pecaminosos*. Quando olhamos para essas pessoas, parece-nos, talvez, que elas sejam mais felizes do que nós. Elas parecem saber mais da vida do que nós. Parece-nos que estamos negando a nós mesmos, sacrificando o nosso conforto, e *cortando nossas mãos direitas* para nada! O *pecado* parece levar vantagem. O *mundanismo* aparece para dar melhor recompensa. A *virtude* parece *triste, cara e solitária*. Ela não tem o *bom momento* que a *autoindulgência* traz. E às vezes nós *nos cansamos de fazer o bem*, porque parece não haver nenhum lucro nisso.

“Fazer o bem” significa também fazer o bem aos outros. Nós somos ensinados que, se somos cristãos, *não* devemos *viver para nós mesmos*. O amor é a essência da nova vida, e o amor está agindo, dando, sacrificando-se para o bem dos outros. Em vez de tentar conseguir do mundo tudo o que pudermos para nós mesmos, damos ao mundo tudo o que podemos em matéria de bênçãos e bondade.

É fácil ver que essa vida *não é natural*, e que não está em harmonia com os sentimentos e preferências *humanas*. Naturalmente cuidamos de *nós mesmos* e para o nosso próprio benefício e conforto. Nós não nos inclinamos à autoexclusão, a sacrificar a nossa própria conveniência para servir os outros. Podemos fazê-lo por alguém que amamos profundamente, mas o evangelho nos obriga a amar e servir, com toda a nossa capacidade de servir, àqueles que não estão entre os nossos amigos, e até aos nossos inimigos! Um inimigo que precisa de nós: nós devemos o servir. Mesmo a vida humana mais degradante, que encontramos em nosso caminho, temos de tocá-la com o nosso amor restaurador, e ajudá-la com as mãos que foram dadas a Cristo. Estamos obrigados a manter nossas vidas e tudo o que temos com o chamado do amor e da necessidade humana. Nós devemos *carregar os fardos uns dos outros*. Temos que ter *simpatia* com toda a tristeza e necessidade, ser cada *atingido* com um senso de desesperada condição do mundo. Esta *lei do amor cristão* nos coloca para baixo entre os homens, assim como o próprio Cristo foi entre os homens. Ele não reteve nada para Si mesmo. Ele nunca pensou um pensamento, nem respirou um suspiro, para Si mesmo. Ele derramou a bênção de Sua vida santa, sem limite, em todos que se aproximaram Dele, para enfim dar o Seu sangue da vida de verdade para a salvação do homem pecador.

27-3. UMA VIDA NÃO DESPERDIÇADA

O que Ele fez com a Sua vida rica? Ele se afastou dos caminhos em que os grandes homens do mundo haviam andado e dedicou-se a um trabalho de *fazer o bem aos outros*. Ele deu tudo o que tinha para este trabalho. Ele esvaziou-Se e Se fez pobre, para que outros pudessem ser feitos ricos. Ele esgotou sua própria força, para que o fraco pudesse ser forte. Ele derramou Seu próprio sangue de vida, para que os mortos pudessem viver.

Isso é o melhor que *Cristo* poderia ter feito com a sua vida maravilhosa? Seus próprios amigos não pensavam assim. Eles pensavam que ele tinha *jogado fora* a sua vida.

Considere aqueles que estão *seguindo os passos de Cristo*. Uma menina americana jovem, tendo terminado os seus cursos universitários, saiu com altas honrarias. Ela possuía uma mente aguçada, uma boa posição social, amigos influentes, um lar belo e feliz. Então veio a chamada de treinadores missionários para irem ao Sul trabalhar entre os pobres e necessitados. Esta jovem menina ouviu o chamado e se entregou a este serviço. Durante dois ou três anos ela viveu entre os pobres, ensinando-os, ajudando-os, dizendo-lhes bastante de Cristo. Então, um dia ela contraiu uma das *doenças mortais* galopantes nos *guetos* onde ela serviu ao seu Senhor, e logo morreu entre os pobres, sem a mão da mãe para lhe alisar o cabelo, ou esfriar a testa febril, ou aliviar a sua dor, sem os lábios de mãe para beijá-la antes de seu último adeus a terra.

Eles levaram o corpo de volta e enterraram-na entre seus amigos, mas em quase toda a língua havia a triste queixa: “Ela tinha *perdido* sua bela vida. Ele deveria ter ficado e sido utilizada para o serviço em modos mais suaves e refinados. Era *uma vida muito rica* para ser derramado num ministério caro demais assim!”. Desse modo falaram ao lado de seu caixão. Mas essa vida doce foi *desperdiçada*? Ela poderia ter feito algo melhor?

Para todas estas perguntas, veio como uma resposta a promessa de que “*no tempo próprio colheremos, se não desanimamos.*” Não é em vão que nós continuamos *fazendo* o nosso *bem*, que obedecemos aos mandamentos de Deus, que dedicamos nossas vidas em abnegado serviço aos outros, por amor de Cristo. O que *parece* ser perda é o ganho. O homem de Deus pode *parecer* ter mais problemas do que o seu vizinho ímpio. Seu negócio pode não *parecer* prosperar também. Seus empreendimentos podem falhar. Sua fidelidade pode trazê-lo à *inimizade* com os outros, e até mesmo *perseguição*.

Mas *as contas da vida* nem sempre são resolvidas de uma só vez. A *colheita* não se segue imediatamente à *semeadura*. É assim na natureza. Há dias e meses, quando a *semente parece* ter perecido. Depois disso, no entanto, ela produz *fruto*. É a mesma coisa na vida espiritual: por um tem-

po, pode parecer não haver nenhuma *bênção* de fazer o bem, mas, no final, a justiça é bem-sucedida. “Aquele que semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna”! (Gálatas 6:8)

Toda a *bondade* que fazemos para o outro em nome de Cristo é a semeadura de uma boa semente para o Espírito. Cada ato de *amor*, cada ato de *altruísmo*, cada *autonegação*, todas as coisas que podemos fazer para *ajudar*, *confortar*, ou para *abençoar* outros, são sementes que semeamos para o Espírito. “No *tempo próprio* colheremos”! Para o presente, pode não parecer que qualquer bem ou *bênção* venha do *ato* de amor, ou que a *palavra* de bondade seja falada, mas a *semente* não morre, pois tem em si um gérmen imortal.

O mundo que nos cerca está cheio de necessidades. Alguém disse certo dia que tudo o que lhe interessava, cada parte do trabalho cristão, cada instituição, estava precisando de dinheiro. Todos nós constatamos isso. Em cada canto há pedidos de ajuda. Ou devemos calar o nosso coração, ou sempre estaremos *entregando* e *fazendo*. Não nos atrevemos a calar o nosso coração: isso significaria a morte moral e espiritual. Portanto, devemos sempre *entregar* e *fazer*. Não podemos manter nada por muito tempo para nós mesmos. Mal alguma coisa está em nossas mãos, nós somos convidados a lhe entregar outra vez, porque o *Senhor precisa dele* em alguma outra vida, para atender alguma *necessidade* de um de seus pequeninos, ou para fazer algum *trabalho de amor* por Ele. Precisamos, no entanto, temer para que jamais qualquer atitude, a *menor atitude* que fazemos para o outro, com o amor de Cristo em nosso coração, possa deixar de abençoar.

Assim diz alguém: “Quando os homens fazem qualquer coisa para Deus, no mínimo, eles nunca sabem onde isso vai acabar, nem o valor do bem que vão fazer para Ele. O segredo de amor, portanto, é estar *sempre fazendo as coisas para Deus*, não importando se são apenas pequenas coisas”. Outra diz: “Ah, isso é grandioso, e não há algo maior do que fazer algum trabalho cristão mais frutífero, melhor e mais digno, do que fazer algum coração humano um pouco mais sábio, forte, feliz, mais abençoado e menos amaldiçoado”.

Nós nunca sabemos como nossos pequenos *atos de benefício* podem abençoar a vida e permanecer nela como uma *bênção* para sempre! Nós não sabemos como até mesmo uma pequena palavra pode abençoar a vida. Devemos sempre manter o *coração* e as *mãos* prontas para qualquer *pequeno ministério* que podemos ter a oportunidade de executar. A menor palavra de *bom ânimo* pode começar uma canção em um coração que deve cantar para sempre. Algo bom pode cair inconscientemente de seu lábio e de sua mão, e você nem poderá pensar nisso de novo: ainda assim ela não deverá ser perdido. Ele carrega em si a vida de Deus e é imortal.

27-4. VIVER É ENTREGAR-SE

Há uma *diferença* na maneira como várias pessoas se *entregam*: através de um *presente*, de um *favor* ou de um *ato*, tudo é precisamente o mesmo. Um somente *ajuda*, o outro dá *parte de si mesmo* na ajuda. Há algumas flores muito belas que não têm perfume, mas quanto mais quão mais uma flor significa se nela há *perfume* além de *beleza*! Devemos nos *entregar* com os nossos dons. Devemos deixar parte da nossa própria vida fluir com cada ato de bondade que fazemos.

O amor é a *fragrância* das flores do coração, e o que fazemos no amor – amor por Cristo e amor pelo homem – nunca será perdido. O mundo será mais rico e melhor, mesmo através dos menores atos de amor a Cristo. Talvez não possamos *fazer a colheita* neste mundo, mas, além dos céus, vamos reunir os *molhos* em nosso peito! Então, apesar de nossas vidas serem imperfeitas e más, e nosso trabalho ser prejudicado com o pecado, sabemos que o Mestre vai aceitar a coisa mais humilde que fizemos por ele. Ele vai limpar o nosso trabalho e usá-lo, mesmo que seja apenas um *fragmento*, na edificação do Seu Reino!



*Construa-o bem, qual seja teu executar;
Construa-o reto, forte e verdadeiro;
Construa-o límpido, pleno e altaneiro;
Construa-o ante o divino olhar.*
(J. R. Miller, 1894)

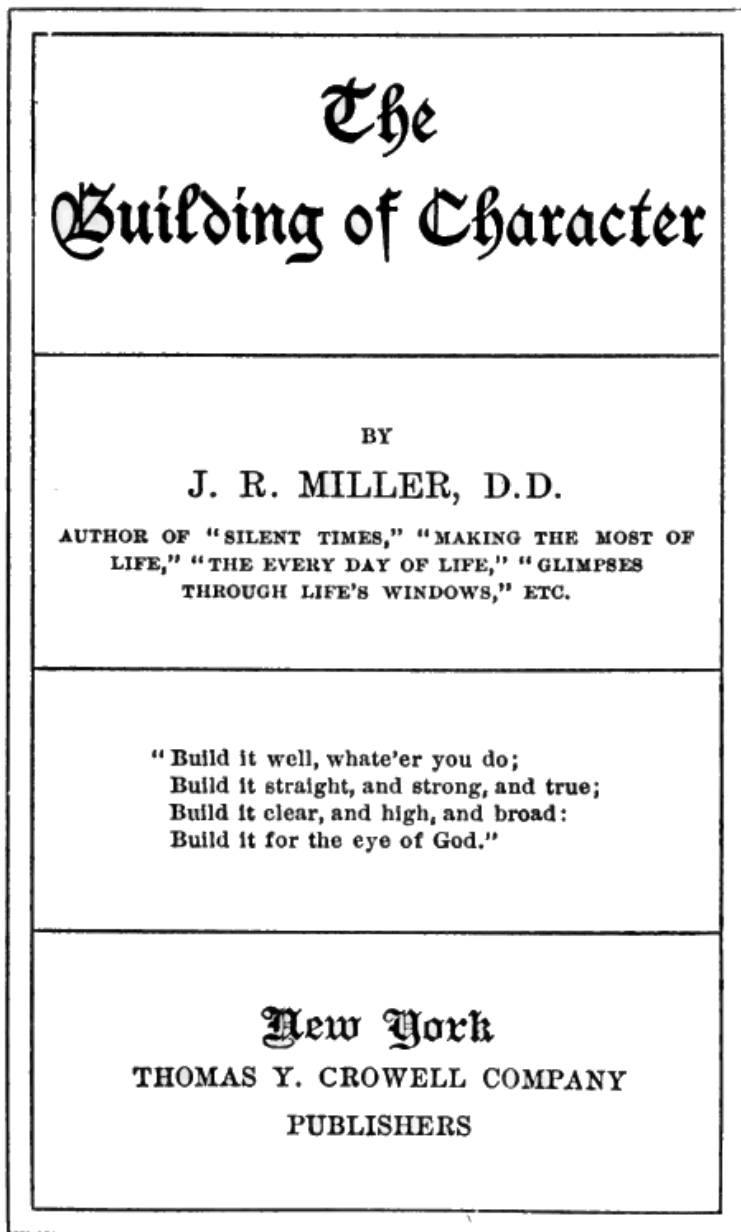


Figura 2. Frontispício da primeira edição de "A construção do caráter", obra que originou reflexões presentes em "Uma vida de caráter", publicada em 1894 nos Estados Unidos.

SOBRE O AUTOR



J. R. Miller
(1840-1912)

De origem escocesa e irlandesa por conta de seus pais, James Russell Miller nasceu num lugarejo perto de Frankfort Springs, Pensilvânia, em 1840, nos Estados Unidos. Era o segundo filho de uma família de dez, mas que perdeu a irmã mais velha mesmo antes de ter nascido. Com 22 anos de idade, em 1862, ele veio a estudar na Universidade de Westminster, na própria Pensilvânia; no mesmo ano ele entrou no seminário teológico mantido pela Igreja Presbiteriana Unida, na cidade de Allegheny.

Nesse período Miller teve contato com a Guerra Civil Americana, ou Guerra de Secessão. Ele participa diretamente do trabalho da Comissão Cristã Americana (*United States Christian Commission*), destinada a promover o bem-estar espiritual e temporal dos soldados e marinheiros, tanto da União (Norte) quanto da Confederação (Sul). Esse grupo, criado em 1861 pela Associação Cristã de Moços (*Young Men's Christian Association*), tinha atividades como organizar devocionais nos locais de acampamento da tropa, publicava hinos e orações, além de promover auxílio e assistência

aos capelães militares que serviam em campanha. Miller, no caso, serviu por aproximadamente dois anos como “agente de campanha” da Comissão (*Field agent*), deixando o trabalho em 1865, após o fim da guerra.

Retornando ao seminário, ele conclui seus estudos em 1867, sendo ordenado e empossado no ofício pastoral logo ao final do curso. Até sua morte ele pastoreou diversas igrejas pelos Estados Unidos, nos estados de Pensilvânia e Illinois. Em 1880 ele foi elevado ao título de Doutor em Divindade (DD) pela Universidade de Westminster.

Um dos grandes destaques de sua carreira cristã foi a função de editor literário e de autor. No mesmo ano de 1880 ele se tornou editor-assistente na Junta Presbiteriana de Publicações (*The Presbyterian Board of Publication*), no estado da Filadélfia, multiplicando o número de periódicos que eram publicados pela instituição. No período entre 1880 e 1911, quando ele se afastou da Junta por motivos de saúde, o total anual de periódicos em circulação saltou de 9,2 milhões para 66,2 milhões.

A partir de seu ingresso na Junta, Miller passou a publicar seus livros. Sua produção literária conta com mais de sessenta obras, algumas das quais ainda inéditas e sendo descobertas. Ele foi considerado um *Best-seller* de seu tempo. Creditam-se dois milhões de cópias de livros vendidos de sua autoria, apenas enquanto ele ainda vivia.

Em português há muito pouco publicado de J. R. Miller, como os livros “Sobre os montes” (*Unto the Hill*, 1899) e “Aprendendo a amar” (*Learning to Love*, 1911), ambos pela Editora Oxigênio. Em inglês, alguns dos títulos de autoria de Miller são: *In His Steps* (1885), *Come Ye Apart* (1887), *Making The Most Of Life* (1891), *Young People’s Problems* (1898), *Devotional Hours With The Bible* (1909-1913), este em oito volumes, dentre outros.

Alguns de seus pensamentos:

- *O amor está sempre pronto para negar a si mesmo, para se dar, se sacrificar, apenas na medida de sua sinceridade e intensidade. Amor perfeito é perfeito autoesquecimento.*

- *Nada, por toda uma vida, é um fabricante de alegria e ânimo, como o privilégio de fazer o bem.*

- *O Cristo todo-vitorioso é como uma grande rocha em terra sedenta, a cujo abrigo podemos fugir em todos os momentos de tristeza ou provação, Nele encontrando refúgio tranquilo e paz.*

- *Supõe-se por alguns de que a religião torna as pessoas solenes, toma o sol de suas vidas, a alegria de seus corações, a canção de seus lábios. O inverso disso é verdade. Nenhuma outra pessoa no mundo tem tantos segredos de alegria como a cristã. Cristo ensina aos seus seguidores para se alegrar; Ele os convida a se alegrar mesmo na tristeza e provação.*

Miller foi casado, pai de três filhos. Faleceu em 1912, aos 72 anos.

MILITAR CRISTÃO

<http://www.militarcristao.com.br>

Especificamente, a finalidade dessa página é:

- I. “Prover conteúdo relevante e adequado ao usuário final, qual seja, militar das Forças Armadas ou Auxiliares do Brasil, cristãos evangélicos ou não;
- II. Promover integração entre os militares cristãos de todo o Brasil, com possibilidades de se reunir irmãos que não se veem há muito tempo;
- III. Auxiliar nos cultos e reuniões evangélicas, promovidos pelas associações militares nos quartéis, provendo material, como estudos bíblicos, além de discutir ideias para o aperfeiçoamento desse trabalho;
- IV. Fortalecimento e difusão da fé militar, respeitadas a hierarquia e a disciplina”. (NGA 001/2006, art. 4º).

Agora, ponderando, considere os seguintes fatos:

- A extensão do nosso efetivo, bastante considerável;
- O fato de o militar ser, por muitas vezes, o braço do Estado onde nem o Estado vai, sobretudo em áreas de fronteira;
- As diversas movimentações que ele sofre ao longo da carreira;
- O contato diário com pessoas dos mais diversos rincões do País;
- A possibilidade de atuar junto a outras nações, com seu exemplo, nas missões de paz;
- No caso específico das Forças Auxiliares, o contato mais próximo e diário com a população, em situações de tensão e perigo;
- As dificuldades inerentes à carreira, como exposição diária ao perigo (inclusive de perder a vida), de se formar um patrimônio familiar, a instabilidade de relações pessoais duradouras por conta das movimentações, o prejuízo na educação dos filhos e na área profissional do cônjuge;
- O preparo e o emprego da força militar, em situações extremas;
- O elogio que a Bíblia dá ao compromisso, benevolência e fé de militares, como o centurião Cornélio;
- As imensas e evidentes semelhanças entre a vida cristã e a militar.

Diante desses fatores, nota-se o quanto o povo de Deus tem negligenciado o enorme potencial de atuação do evangélico militar. Quando limitamos nossa área de atuação ao louvor e à EBD, não percebemos que, à nossa volta, pode estar alguém que será um homem de Deus a frente de uma batalha, quem levará até as últimas consequências seu compromisso com Deus e com a nação brasileira. Um aluno de um curso de formação hoje pode ser o Marechal, Almirante ou o Brigadeiro amanhã. E ao menos que a Bíblia esteja equivocada (falo como homem), nação se voltará contra nação. O que será do homem da caserna? Quem irá até aquele povo? Quem os ajudará?

A resposta pode estar dentre os civis, que até hoje não descobriram essa missão dada pelo Senhor, ou especialmente dentre o próprio pessoal militar, que ainda encara sua incorporação como uma mera profissão, sem considerar o caráter de missão que ele tem, como integrante das Forças Armadas ou Auxiliares.

Esta é a nossa visão, que compartilhamos todos os dias com você, seja por meio de estudos, artigos, informações, bizus ou, inclusive, por entretenimento nos momentos de folga.

Este é o **Militar Cristão**.

PREZADO LEITOR

Todo auxílio é bem vindo a este ministério, bem como o aperfeiçoamento destes Manuais. Caso tenha alguma sugestão, dúvida, comentário, crítica ou contribuição a dar ao nosso trabalho, encaminhe-os para nós através do sítio **Militar Cristão**, seção **Contato**, ou diretamente ao webmaster pelo endereço eletrônico *webmaster@militarcristao.com.br*. Sua mensagem será analisada e poderá constar de futuras edições. Caso queira também contribuir com textos inéditos, seja de instrução para os grupos militares evangélicos, testemunho pessoal ou doutrina cristã, utilize-se dos mesmos modos de contato já mencionados. Os critérios de publicação estão na seção **Estrutura**. Que Deus te abençoe.

MILITAR CRISTÃO

Militar Cristão. Edificando na caserna.

Conheça os outros manuais da Biblioteca Militar Cristão através do sítio da Internet <http://tinyurl.com/bibliomc>.

AVISO – POLÍTICA DE DIREITOS AUTORAIS



Obra licenciada pela Creative Commons @: "Atribuição – Uso Não Comercial – Sem Derivações 4.0 Internacional", disponível em <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt_BR>.

Os infratores estão sujeitos às penalidades cabíveis pela Lei de Direitos Autorais (Lei n.º 9.610, de 19/02/1998), Lei n.º 9.279/1996 e pelo art. 184 do Código Penal Brasileiro (Decreto-Lei n.º 2.848, de 07/12/1940), sem prejuízo de eventual ação cível de indenização.

Aviso conforme Anexo I à NGA 009/2013, alterada pela NCA 014/2014

Editor responsável: Cleber Olympio

© 2003-2014 Cleber Olympio. Todos os direitos reservados.
Não traduzimos a opinião oficial das Forças Armadas ou Auxiliares do Brasil, nem a de instituições religiosas.

